



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COMO POSSIBILIDADE DE CONSTITUIÇÃO DA
AUTONOMIA NA INFÂNCIA**

JULIANA CARVALHO GIROTTO BORGES

Brasília – DF, julho de 2014.

JULIANA CARVALHO GIROTTO BORGES

**A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COMO POSSIBILIDADE DE CONSTITUIÇÃO DA
AUTONOMIA NA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Comissão examinadora:

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dr. Paula Cobucci

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Maria Alexandra Militão Rodrigues

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília – DF, julho de 2014.

TERMO DE APROVAÇÃO

JULIANA CARVALHO GIROTTI BORGES

**A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COMO POSSIBILIDADE DE CONSTITUIÇÃO DA
AUTONOMIA NA INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso defendido sob a
avaliação da Comissão Examinadora constituída por:

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Orientadora

Profa. Dra. Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
Membro Titular – UnB/FE

Prof. Dr. Maria Alexandra Militão Rodrigues
Membro Titular – UnB/FE

Brasília – DF, julho de 2014.

BORGES, Juliana Carvalho Giroto.

**A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COMO POSSIBILIDADE DE
CONSTITUIÇÃO DA AUTONOMIA NA INFÂNCIA / Juliana
Carvalho Giroto Borges: Brasília: UnB. 2014, p.74.**

Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidades de
Brasília, 2014.

Orientadora: Fátima Lucília Vidal Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar comigo em todos os momentos da minha vida. Agradeço também a minha mãezinha do céu, por me colocar em seu colo nos momentos que mais preciso, acalmando meu coração das aflições e medos da vida.

Dedico esse trabalho inteiramente às duas pessoas mais importantes da minha vida: meus pais. Agradeço por serem a base de tudo que sou e meu exemplo maior de caráter, força e amor. Por não medirem esforços, para que eu chegasse até esta etapa da minha vida. Obrigada pelo apoio, carinho e dedicação. Meu amor por vocês é incondicional: José Maurício e Jacimeire.

Agradeço a toda minha família, por ser a raiz e essência do que sou e por me ensinar o valor de ter uma família. Por todas as críticas, que serviram para me fazer mais forte e ter a certeza de que realmente é isso que quero para minha vida.

Agradeço aos meus amigos, que fizeram parte da minha caminhada universitária, certamente, sem vocês a universidade não teria a alegria que sempre teve. Obrigada, pelos momentos de diversão e por me mostrar que o mundo é muito melhor quando se tem amigos. Espero tê-los ao meu lado por toda vida.

Agradeço a Universidade de Brasília, e todos os professores que trabalham com amor e dedicação, para nos mostrar que somos capazes de educar com amor e seriedade.

A minha orientadora, Fátima Vidal, pela paciência e dedicação. Por mostrar que sou capaz, e que dentro de mim existe uma grande educadora.

Muito Obrigada!

*Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma continuamos a viver
Naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo
Pela magia da nossa palavra.
O professor, assim, não morre jamais...*

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso é resultado da observação e reflexão, a partir, da prática do Projeto Autonomia em uma escola pública do Distrito Federal. Seu objetivo é investigar de que forma as experiências estéticas contribuem para a constituição da autonomia na infância, possibilitando que por meio de processos criadores os estudantes assumam-se como autores do seu processo de produção do saber. Para o desenvolvimento desse trabalho buscamos uma fundamentação teórica que embasasse os conceitos norteadores. Os trabalhos de Paulo Freire (2013) e Pacheco (2012), que discorrem a respeito do conceito de autonomia e, ainda, Walter Benjamin e Duarte Jr (1981), que falam a respeito da experiência estética e dos processos criadores, são principais. A pesquisa estruturou-se a partir da prática e observação das oficinas desenvolvidas pelo Programa de Extensão de Ação Contínua Diálogos com experiências pedagógicas inovadoras – Projeto Autonomia. Baseando-se na metodologia qualitativa, os dados apresentados são provenientes do diário de bordo escrito durante a realização das oficinas, bem como de entrevistas semiestruturadas, dando importância ao olhar dos educadores a respeito da participação dos educandos nas oficinas e no desenvolvimento do projeto. Nesse sentido, as práticas educativas realizadas trouxeram às crianças e adolescentes a possibilidade de conhecer uma realidade diferente daquela apresentada em aulas, exclusivamente, voltadas ao saber teórico, nas quais as experiências estéticas ocorriam de forma suplementar, e ganharam grande importância na formação social dos sujeitos.

Palavras-chaves: Autonomia, Experiência Estética, Espaço Escolar.

ABSTRACT

This course completion assignment is the result of observation and reflection made from the practice of the Autonomy Project in a public school in Distrito Federal. The goal is to investigate how the aesthetic experiences contribute to the establishment of autonomy in childhood, allowing creators processes by students to take as authors of their process of knowledge production. To develop this work we seek a theoretical foundation that embosses the guiding concepts. The work of Paulo Freire (2013) and Pacheco (2012), who talk about the concept of autonomy, and Walter Benjamin and Duarte Jr (1981), talking about the aesthetic experience and creator's processes are key. The research was structured from practice and observation of workshops developed by Extension Program for Continuing Action Dialogues with innovative educational experiences - Autonomy Project. Relying on qualitative methodology, the data presented are from the diary writing board during the workshops, as well as semi-structured interviews, giving importance while looking educators regarding the participation of students in the workshops and project development. In this sense, the educational practices undertaken brought to children and adolescents to experience a different reality from that presented in classes exclusively focused on the theoretical knowledge, in which aesthetic experiences occurred supplementary form, and have gained great importance in the social development of people.

Keywords: Autonomy, Aesthetic Experience, School Area.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
APRESENTAÇÃO	10
PARTE I	11
MEMORIAL EDUCATIVO	12
PARTE II	21
INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO 1 – A Experiência de uma extensão: O Projeto Autonomia	24
CAPÍTULO 2 – CONCEITOS NORTEADORES	29
Conceito de Autonomia	29
Conceito de Estética	32
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	37
3.1- Contexto da Pesquisa	38
3.2 - Sujeitos da pesquisa e procedimentos na execução das entrevistas	40
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS FRAGMENTOS	42
4.1 - Conceito de estética construído a partir do senso comum	42
4.2 - O momento em que as produções a partir do Projeto Autonomia, transformaram a infância, desenvolvendo experiências estéticas e ações autônomas	44
4.3 – Como têm acontecido às experiências estéticas na escola	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICE	57

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso em pedagogia foi realizado no 1º semestre de 2014. Fruto das reflexões e vivências pedagógicas da autora, a partir da prática do Projeto Autonomia, busca contribuir para a problemática geral escolhida, dialogando entre teoria e prática.

A primeira parte consiste em um memorial educativo, o qual tem como objetivo mostrar a trajetória educacional. A partir dessas informações é possível compreender as razões e intenções subjetivas da autora frente à pesquisa. Nessa parte, apresento ainda minhas perspectivas futuras.

A segunda parte apresenta a monografia que esta dividida em introdução, quatro capítulos, metodologia, considerações finais e, por fim, apêndices.

A introdução traz a justificativa, a questão problema, que é a base da pesquisa realizada, demarcada pelos objetivos gerais e específicos, norteadores do trabalho teórico e da pesquisa propriamente dita.

O primeiro capítulo apresenta o que é o Programa de Extensão de Ação Contínua Diálogos com experiências pedagógicas inovadoras – Projeto Autonomia, percorrendo a respeito de sua origem, inspirações, princípios norteadores e atividades desenvolvidas. Mostrando a trajetória do projeto desde sua criação até o presente momento.

O segundo capítulo apresenta os conceitos norteadores da pesquisa, trazendo o conceito de Autonomia e Estética sob à luz da teoria.

O terceiro capítulo apresenta a Metodologia utilizada nesta pesquisa: seu contexto, os participantes, os instrumentos utilizados e os procedimentos usados para desenvolver a pesquisa. Mostrando de que forma deu-se a entrada na escola, descrevendo o lócus e os sujeitos da pesquisa.

O quarto capítulo traz a análise dos fragmentos obtidos durante a pesquisa, dialogando com os conceitos norteadores deste trabalho: autonomia e estética. Relacionando-os às discussões teóricas e considerações da autora.

Em seguida, apresento as considerações a respeito da presente pesquisa.

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci em uma família muito tradicional, de descendência italiana, goiana e mineira, cresci em um lar cheio de amor e muito companheirismo entre meus pais. Tenho nos meus pais exemplo de casal, de pessoas que batalham para conseguir o que tem e sempre com honestidade. Sou filha única, mas ao contrário do que dizem, meus pais sempre me ensinaram a ser uma pessoa que sabe dividir o que tem e sabe a hora certa para cada coisa acontecer. Sempre pedi um irmão para minha mãe, mas como minha gravidez foi de alto-risco ela ficou um pouco traumatizada e não teve outro filho, não sinto falta de um irmão, pois tenho muitos primos e, para mim, todos são como irmãos. Minha família se caracteriza por ser muito unida, tudo que fazemos não nos esquecemos de ninguém e isso vem desde a minha infância. Passei toda minha infância morando em um condomínio onde moravam seis, dos dez irmãos do meu pai. Neste lugar tenho fortes lembranças da minha infância com meus primos, dos fins de tarde andando de bicicleta, das brincadeiras no campo de futebol.

Pelo fato de meus pais serem donos de um restaurante, durante o dia ficava na casa da minha avó materna, lá era minha segunda casa, às vezes, preferia ficar na casa da minha vó do que ir para casa com meus pais. Minha mãe sempre me ensinou a ser muito independente, eu sabia quais eram os horários que deveria tomar banho para ir à escola, estudar, almoçar. Nos finais de semana, quando meus pais estavam trabalhando, com sete anos de idade, eu acordava, arrumava-me e descia para a casa da minha avó paterna que morava no mesmo condomínio. Nunca fui de depender de outras pessoas pra fazer minhas coisas, se eu dava conta de fazer, fazia sozinha.

Minha trajetória escolar começou aos três anos de idade. Estudei no Colégio Pequeno Sol, era uma escola pequena, com poucos alunos, que ficava em uma casa no Guará II. A dona da escola era irmã de uma tia, então a maioria das crianças da família estudou nesta escolinha. Lembro-me que o espaço que a escola tinha não era muito grande, as turmas eram pequenas. O ambiente desta escola marcou muito minha infância, foi lá que fiz minhas primeiras amizades, tenho marcado em minha memória os momentos em que brincávamos e nos divertíamos bastante, eu me sentia bastante segura e feliz naquele local. Não me recordo muito dos momentos de estudo, e nem de como foi tudo isso, mas essa escola me marcou bastante pelas festinhas de carnaval, pelas festas juninas e pelo carinho que todos tinham com as crianças. Eu me sentia muito querida e, pra mim, a forma como fui tratada nesta escola

influenciou muito a forma como enxergo hoje, as crianças. Estudei nesta escolinha desde o maternal, até o jardim três.

Sai da educação infantil já alfabetizada. Na primeira série fui estudar na Escola Classe 05, escola pública que fica no Guará, bairro onde moro até hoje. O Classe 05 é conhecido no bairro em que moro por ser uma escola modelo, recordo-me que tudo era muito limpo e organizado na escola. Uma vez por semana tinha hora cívica no pátio, e em alguns dias tinha apresentações de outras turmas. Fiquei apenas um ano nesta escola. Recordo-me que no primeiro dia de aula, estava na turma errada e só fui descobrir depois que a professora fez a apresentação de todos os alunos. Eu gostava muito desta escola, recordo-me que minha professora se chamava Maria José, ela era muito divertida e organizada e demonstrava um carinho muito grande por todos nós. Nesta fase as meninas da turma não se aproximavam muito dos meninos, era cada um no seu canto.

O que mais gostava no Classe 05 era do sorvete, era muito bom. Uma vez por semana nós podíamos levar brinquedos para a escola, todas as meninas combinavam de levar boneca, era muito divertido. Na época do calor a professora sempre marcava um banho de mangueira. Lá tinha um parquinho de areia, cada turma tinha seu dia de ir, no dia que era minha turma eu sempre levava uma bronca quando chegava em casa, pois os sapatos e as roupas sempre estavam muito sujos e minha mãe detestava sujeira. Não me recordo muito de como era minha turma nesta escola, mas todos já estavam alfabetizados.

Ao final da primeira série, meus pais conseguiram uma vaga no Colégio Militar Dom Pedro II, foi onde estudei até concluir o ensino médio. A escola estava no seu segundo ano, era uma escola muito nova, e muitas coisas ainda estavam em construção. Era tudo muito novo pra mim, pois era uma escola totalmente diferente das outras nas quais eu havia estudado. A rotina, o uniforme, a disciplina, as regras, o modo como deveria me comportar, tudo era muito diferente do que estava acostumada. No primeiro dia de aula, todos os alunos novatos deveriam ir de calça jeans, blusa branca, tênis preto, as meninas tinham que ir com o cabelo amarrado. Por se tratar de um colégio militar, havia muitas regras a serem seguidas, e a partir do momento em que comecei a estudar, sabia que deveria seguir essas regras, mas não dava para seguir todas. O que me marcou na segunda série foi essa mudança de escola, mas não me lembro de muita coisa nesta fase.

Como meus pais trabalhavam o dia todo, de manhã eu ia pra casa da minha avó materna e meu avô me levava para a escola à tarde. Recordo-me que o uniforme deveria ser sempre impecável e os sapatos sempre limpos. Dava um trabalhão colocar toda aquela roupa.

Eu gostava muito de assistir “Sítio do pica-pau amarelo”, e como passava na hora do almoço, minha avó sempre brigava comigo porque ficava enrolando pra ir tomar banho. Tinha que correr para o banho, e almoçar bem rápido, senão chegava atrasada na escola e recebia uma advertência. No colégio militar, aprendi a marchar, a ter disciplina e também algumas noções de respeito que em escolas tradicionais, na maioria das vezes, não é ensinada. Não é só respeito com os outros, mas respeito com o país em que vivemos e com aos símbolos que ele possui. Aprendi a respeitar a bandeira do Brasil, aprendi a cantar o hino nacional e saber o que estamos falando quando cantamos o hino.

Na terceira série, meus pais fecharam o restaurante e meu pai conseguiu um emprego em Goiânia. Fomos todos de mudança para Goiânia. Esta fase da minha vida me marcou, pois foi muito difícil começar uma nova vida em outra cidade. Em Goiânia estudei em uma escolinha que se chama “Abelhinha”, era pequena e ficava no bairro em que morávamos. Morei em Goiânia durante o segundo semestre da terceira série e o primeiro semestre da quarta série. Tive bastante dificuldade nesta mudança de escola, pois no colégio militar o método utilizado era uma apostila chamada Positivo e, na escola de Goiânia, era utilizados livros didáticos. O positivo era um método muito resumido, tive grandes dificuldades. Fiz muitas amizades, e como sou filha única eu gostava muita da escola e de estar com esses amigos, já que em casa não tinha crianças para brincar. Minha professora durante o período que passei em Goiânia foi a mesma, ela era muito divertida, adorava passar atividades de colorir, e me recordo que todas as provas tinham muitos desenhos para colorir, e só podíamos entregar depois que estivesse tudo colorido no capricho.

Esta experiência de morar em outra cidade foi um grande aprendizado para mim, pois tive que me tornar mais comunicativa e saber fazer amigos. Este período de 10 meses que morei em Goiânia, a escola me marcou muito e adquiri muitos conhecimentos. No dia que retornei a Brasília, estava acontecendo à feira cultural na escola, nosso tema na feira era o cultivo da cana de açúcar nos engenhos. Recordo-me que na preparação desta feira meu grupo fez uma maquete, e para a confecção desta, passei algumas tardes na casa de uma colega, nos tornamos grandes amigas e aprendemos muito fazendo esse trabalho. Com esse trabalho ficou muito mais fácil compreender o conteúdo e o projeto da maquete me fez entender melhor como era o processo de cultivo da cana.

Voltei para Brasília no segundo semestre da quarta série. Como meus pais haviam trancado minha matrícula no colégio militar, retornei para lá e tive a oportunidade de reencontrar todos meus amigos. Recordo-me de que no dia que voltei para a escola, meus

amigos ficaram muito felizes e me receberam com abraços e alguns estavam até emocionados. A partir de então, toda minha formação foi nos moldes militares. Sempre tive que ir para a escola de farda, cabelos sempre presos, sapatos impecáveis, uniforme sempre limpo, não era permitido pintar as unhas de cores fortes. A disciplina marcou bastante minha formação na escola. Apesar de toda a disciplina que existe em um colégio militar, eu gostava muito da escola e foi o lugar onde vivi momentos muito importantes da minha vida, e onde fiz muitos amigos.

Vieram os últimos anos do ensino fundamental, e comecei a estudar pela manhã. Meu horário de entrada na escola era às 06h45. Acordava muito cedo pra chegar à escola a tempo, não era nada fácil ter que vestir toda aquela roupa e ainda deixar o cabelo impecável com um belo coque. A partir da quinta série eu tive um professor para cada disciplina, e assim comecei a ter mais autonomia nos estudos e a me tornar mais responsável. Meus pais sempre foram muito tranquilos comigo em relação aos estudos, nunca fui cobrada de forma ameaçadora. Não tive muitas dificuldades na escola, sempre fui uma boa aluna. Foi nessa fase que começaram os trabalhos em grupo, lembro que gostava bastante deste tipo de trabalho, gostava de ir a casa dos colegas para organizar o trabalho. Sempre sobrava um tempinho para gente se divertir.

Na sexta e sétima série, começaram a surgir às dificuldades com todas aquelas informações que eram passadas em todas as aulas. Senti um pouco de dificuldade em Matemática, mas, quem nunca gostou? Nesta fase eu gostava muito de manter meus cadernos sempre organizados e coloridos, sempre fui muito caprichosa e organizada com meus materiais escolares. Nesta fase eu fiquei um pouco revoltada com a escola, cheguei a pedir para os meus pais para trocar de escola. Não estava satisfeita com a escola, não era só pelo fato de ser uma escola militar, mas estava cansada daquela disciplina desnecessária e de toda pressão que eles colocavam sobre os alunos.

Na oitava série, recentemente chamada de nono ano, minha trajetória escolar mudou. No colégio militar, todos os anos ocorria um sorteio de turmas, então todo ano era uma turma diferente, com colegas diferentes. Por um lado isso era muito bom, pois como o grupo não se modificou muito ao longo dos anos, tive a oportunidade de estudar com quase todos os colegas que formaram comigo. O nono ano eu considero como um dos meus melhores anos na escola, foi um ano que fiz grandes amizades e conheci muitas pessoas, aprendi a ser mais extrovertida, foi o ano que marcou bastante minha vida escolar. Tive um professor que me marcou muito, seu nome era Reiner. Ele se destacava dos outros por nos tratar não só como

alunos, e sim como amigos. Suas aulas de História eram memoráveis, seu estilo de dar aula era descontraído e atraía a atenção de todos. Ele se tornou um grande amigo de todos.

Neste ano, como minha turma era muito unida, fizemos um projeto na feira cultural da escola, que apresentamos sobre os anos 80. O tema principal foi a jovem guarda. Relembramos músicas, danças e os artistas que marcaram esta época. Houve uma grande dedicação de toda a turma. Fiz parte do grupo que dançou na feira cultural, recordo-me que nos dedicamos até o último segundo, para a apresentação sair impecável. Neste projeto me aproximei muito de um grupo de amigos, e nos dedicamos juntos, isso nos fez criar um laço de amizade muito legal. Foi o ano que me diverti muito, aproveitamos cada evento que tinha na escola, e a união da turma fez com que cada um desses eventos fosse único e o trabalho em equipe estava muito presente.

No fim do nono ano, aconteceu a grande formatura. Como no colégio militar tudo e bastante diferente, nós não tivemos uma colação de grau, como nas outras escolas, e sim uma grande formatura militar com direito a carro do corpo de bombeiro, desfile militar. Foi muito emocionante, pois nesse momento nos recordamos de todos os momentos que vivemos durante o ano. Nesta formatura eu e meus colegas nos emocionamos muito.

E chega o tão sonhado e temido Ensino Médio. Com o sorteio de turmas que acontecia todo ano, fui separada de todos os meus colegas do nono ano, fiquei muito triste e cheguei a pedir pra minha mãe ir até a escola tentar me trocar de sala. Depois de chorar muito, comecei a pensar que era a chance de fazer novas amizades. No início do ano só tinha contato com um colega na sala, ele me apresentou para uma amiga dele e começamos o ano com um grupo de três colegas. O tempo foi passando e fui conhecendo a turma. No primeiro ano, tinha aulas aos sábados e, apesar de ter que levantar cedo, minhas melhores aulas foram nesses dias.

Conheci muitas pessoas legais no primeiro ano, uma delas foi o Jon e ele merece um parágrafo no meu memorial. Nossa amizade não foi à primeira vista, ele foi remanejado para minha turma no meio do ano letivo, por que tinha aprontado na turma que estava, mas isso não era nada novo para ele já que todo ano era mudado de turma. Comecei a me aproximar dele por uma amiga. No início, achava ele meio estranho, tinha umas atitudes espontâneas demais e eu sempre fui um pouco fechada para essas coisas. Mas não demorou muito pra gente dar certo, com o Jon eu tinha diversão garantida todos os dias. Seu jeito engraçado e espontâneo me garantia boas risadas. Recordo-me que nas aulas de matemática eu sempre sentava do lado dele, mas não era para prestar atenção na aula e sim pra ficar rindo. Apesar de todas as gracinhas que ele fazia, era muito inteligente e nunca tirava nota baixa.

No primeiro ano tive uma professora de Artes Cênicas, as aulas que tinha com ela eram aos sábados. Ela era muito descontraída e divertida, suas aulas pareciam mais um show de comédia do que aula. Ela fez conosco dois projetos teatrais que me marcaram muito. O primeiro foi do livro “Meu tio matou um cara”, que deveríamos ler para o PAS - Programa de Avaliação Seriada. A proposta foi fazer a interpretação teatral de alguma parte do livro. Recordo-me que isso facilitou muito nossa compreensão, nos ajudou na leitura do livro e facilitou na hora da prova. O segundo projeto foi para a feira cultural do colégio, minha turma fez uma peça teatral que tinha como objetivo falar sobre o preconceito. Meu papel foi o de “Patricinha”, era eu que cometia o ato de preconceito. No final da peça o personagem do “Burro”, que era a vítima do preconceito, se levantava e questionava a plateia a respeito do preconceito. Foi um projeto que teve muito sucesso na escola, todos elogiaram.

No segundo ano me separaram do Jon, isso fez a gente se afastar um pouco, mas nunca deixamos de ser amigos. Neste ano tive a sorte de estudar novamente com alguns amigos. Foi um ano que a matemática estava cada vez mais difícil, mas graças a um professor que a transformava em música, piada ou qualquer outra coisa, ajudou-me a compreender aquelas contas enormes e, posso dizer, que me fez gostar de matemática. Apesar da separação por turmas, nós sempre estávamos juntos com as demais turmas, era um grupo muito junto em tudo o que acontecia na escola. Esse grupo de alunos que seguiu a trajetória escolar junto até a formatura, sempre foi muito conhecido na escola, pelas bagunças e brincadeiras. No ensino médio piorou, e pra dizer a verdade, a gente gostava mesmo de uma bagunça e apesar de toda disciplina militar da escola a gente se divertia muito.

O último ano veio repleto de surpresas. Foi no terceiro ano que eu percebi a importância dos meus amigos na minha trajetória escolar, neste ano conquistei amizades que tenho até hoje. Na escola junto com meus colegas, aproveitei cada segundo do último ano, fizemos cada momento se tornar único. Participei dos eventos militares que tinham na escola, com uma emoção maior do que nos anos anteriores, sentia dentro de mim um orgulho muito grande de ser parte de um grupo tão unido de alunos. Com certeza o que mais me marcou no último ano do ensino médio foi minha inesperada aprovação na UnB, digo que foi “inesperada”, pois eu realmente nunca imaginei que seria aprovada no primeiro vestibular que fizesse, posso dizer que nunca me imaginei na UnB.

Recordo-me que na inscrição para o vestibular, eu ainda não tinha a certeza do que queria. Sempre gostei muito de criança e me interessava pela área da educação, foi o que me influenciou a colocar Pedagogia. No dia do resultado, estava em casa e poucas horas antes do

resultado peguei no sono, acordei na hora exata do resultado. Estava muito tranquila, pois eu realmente achava que não seria aprovada neste vestibular. Fui até o computador no site do CESPE, digitei meu nome, e logo apareceu: nome, CPF e o curso. A partir daí comecei a ficar nervosa, escrevi meu nome mais uma vez pra ter certeza, e lá estava ele novamente. Neste dia estava apenas eu e meu pai na minha casa, fui chama-lo e disse “Pai, acho que passei no vestibular”, ele deu um pulo do sofá e com uma cara de susto me olhou, e como eu, não estava acreditando. Mostrei meu nome para ele no computador e foi aí que ele entendeu o que eu estava dizendo, não consigo explicar o que senti naquele momento. A partir daí foi uma festa, eu sentia uma alegria inexplicável.

No dia seguinte na escola, outros vinte alunos tinham sido aprovados no vestibular. Comemoramos todos juntos, pulamos na piscina da escola, fizemos festa nos corredores, todos muito felizes pelo sucesso daquelas turmas que desde sempre foram vistas pela escola como os “piores”. Acredito que surpreendemos não só a escola, mas também a nós mesmos. Como fui aprovada no meio do ano no vestibular, sair da escola bem antes do que esperava, eu demorei algum tempo para conseguir acreditar no que estava acontecendo. Não imaginava o quanto sentiria falta daqueles dias com meus colegas, de todas as risadas, da disciplina que vivia na escola todos os dias. Durante todo esse tempo que estudei no Colégio Militar Dom Pedro II, acompanhei o crescimento da escola e junto com ela eu também cresci. Saí de lá para um futuro que jamais imaginei que teria.

Tive a felicidade de ter muito amigos junto comigo na UnB, dentre eles estava o Jon, que tinha escolhido o mesmo curso. A partir daí nunca mais nos separamos. No primeiro semestre era tudo muito novo, estava acostumada com o ritmo da escola e a autonomia que deveria ter na universidade às vezes me assustava. Neste início o que mais me marcou foi à disciplina de Oficina Vivencial, gostava bastante das aulas dinâmicas e reflexivas. Foi um semestre de adaptação, pois minha vida havia mudado totalmente, em pouco tempo, ainda não me sentia na universidade e tudo parecia um sonho.

Logo no segundo semestre eu consegui um estágio em uma escola próxima da minha casa. Fiquei muito feliz com a oportunidade de vivenciar o dia a dia do ambiente escolar. Foi difícil me acostumar com a rotina de trabalhar e estudar. O que me marcou neste semestre foi a disciplina de Projeto 2, pois foi com esta disciplina que meus horizontes se abriram e percebi que um pedagogo pode ter uma área de atuação muito extensa e diversificada. Foi a partir do segundo semestre que comecei a cursar matérias no período da tarde, eu gostava muito de passar o dia na UnB. Sempre junto com o Jon, nos intervalos de uma aula e outra, a

gente fazia várias caminhadas pelo ICC. Foi assim que conheci de verdade a UnB. Assim seguimos no terceiro semestre também.

Nos semestres seguintes, dentre as experiências que tive, sem dúvidas, o projeto de “Experiências Pedagógicas Inovadoras”, foi o que mais me marcou. Dentro do projeto tive a oportunidade de conhecer novas práticas de educação. A visão que tinha sobre educação mudou, percebi que uma criança pode ir longe quando é dada a ela a autonomia de seguir pelo caminho que deseja, e assim chegar ao conhecimento que precisa. No primeiro semestre com o projeto, meus olhos brilhavam, quando escutava os depoimentos de pessoas que viveram ou atuava em escolas que possuíam pedagogias inovadoras. Ao conhecer algumas dessas escolas percebi que é possível uma criança aprender longe de uma sala de aula com cadeiras enfileiradas, e um professor falando sem parar.

Dentro do projeto tive a oportunidade de participar do CONANE – Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação, no qual pude conhecer as diversas experiências educacionais inovadoras que estão em prática no Brasil. Além de conhecer essas experiências e ver que é possível uma educação que forme com liberdade e autonomia, tivemos a chance de escutar as palavras do Professor José Pacheco, que mais uma vez nos encheu de esperança para continuarmos em busca de uma educação autônoma e libertadora.

No Projeto Autonomia – PEAC, no qual os Projetos 3 e 4 de Experiências Pedagógicas Inovadoras estavam vinculados, tive a oportunidade de conhecer mais de perto a realidade de um Escola Pública da Rede de Ensino do DF. Ao tentar implementar o projeto na escola, com o objetivo de experiências com professores e estudantes, novas práticas pedagógicas tornando-as menos repressiva e dando autonomia para os alunos, passamos por diversos desafios. Dentre eles foi o de realizar uma peça teatral com os alunos do 5^o ano, a peça tinha o objetivo de tornar o conteúdo de historia mais atrativo para as crianças. A peça foi elaborada pelos estudantes e, durante a preparação, as crianças tiveram autonomia para confeccionar seus figurinos, decidir qual personagem queriam interpretar. Com esse projeto teatral, tive a oportunidade de vivenciar o quanto a autonomia é importante no processo educativo, e quando a criança tem a oportunidade de fazer aquilo que deseja, ela pode ir além.

Desta prática teatral com as crianças, surgiu o interesse em pesquisar como é constituído o processo de autonomia a partir das experiências estéticas. Investigando como as crianças desenvolveram sua autonomia, e dando importância para a participação de cada uma delas nas oficinas e no desenvolvimento do projeto.

Diante de tudo que trouxe anteriormente, minhas perspectivas profissionais estão voltadas para o trabalho dentro de sala de aula, buscando sempre em minha prática dar voz às crianças e adolescentes mostrando a eles que aprender é algo fantástico e enriquecedor. Pretendo passar no concurso da Secretaria de Educação, para poder aplicar a prática por mim defendida neste trabalho.

Num futuro não muito distante pretendo fazer mestrado na Universidade de Brasília. Também desejo fazer doutorado e buscar compreender cada vez mais a educação e o que ela tem a oferecer.

De todos os meus projetos, o mais ambicioso certamente é ser um Pedagogo da Aeronáutica, reconheço que é uma experiência em uma área totalmente diferente, mas pretendo viver as diversas áreas que a Pedagogia me oferece.

PARTE II

INTRODUÇÃO

O que observamos no contexto educacional atual é uma educação que deixou de lado a imaginação e o fazer criativo dos estudantes, priorizando práticas e relações excessivamente técnicas e reprodutoras a práticas nas quais os sujeitos criam, se relacionam e constroem conhecimentos. Atualmente a escola está cobrando excessivamente o conteúdo das crianças, esquecendo os sentimentos, a inteligência e o ser psíquico presente em cada uma delas.

O interesse pelo assunto partiu da observação do comportamento das crianças e adolescentes diante de práticas que diferem da cobrança conteudista dentro da sala de aula. A atividade desenvolvida com crianças de uma escola da rede pública do Distrito Federal trouxe a reflexão acerca do desenvolvimento da autonomia das crianças, no momento em que foram convidadas a experienciar e criar práticas educacionais que proporcionavam a elas a oportunidade de utilizarem linguagens estéticas, para desenvolver sua autonomia e criarem livremente. Isto nos provocou a pensar que a criatividade e a autonomia do ser humano estão presentes nas relações que toda e qualquer pessoa estabelece com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Essas relações são inibidas no processo educativo presente dentro da sala de aula, mas em diversos casos, ela pode ser desenvolvida a partir de experiências estéticas presentes na arte-educação. Daí surge o questionamento: Como as experiências estéticas influenciam na constituição da autonomia na infância em um contexto escolar? Diretamente ligada à questão principal temos algumas questões norteadoras do trabalho: qual o conceito de autonomia e de estética, os quais podem nos auxiliar na busca por possíveis respostas à questão supracitada?

Tendo isso em vista, o objetivo geral será investigar de que forma as experiências estéticas potencializam a constituição da autonomia na infância em um contexto escolar. Identificando onde estão presentes essas diferentes linguagens no contexto educacional, e a importância delas para a constituição da autonomia da criança. Como objetivos específicos: analisaremos os conceitos de autonomia e estética no campo da educação, investigando como, por meio da experiência estética, a autonomia pode se constituir e apontando de que forma as experiências estéticas se desenvolveram dentro da nossa participação no Projeto Autonomia.

Inicialmente abordamos o conceito de autonomia, posteriormente, o conceito de estética. A metodologia dessa pesquisa se embasou na abordagem qualitativa. Foi feita análise dos diários de campo, produzidos a partir da observação das crianças, durante a experiência

vivida no projeto e, o processo de constituição da autonomia durante as atividades realizadas em conjunto com o grupo de extensão Projeto Autonomia da Universidade de Brasília. Foram realizadas também, entrevistas semiestruturadas com os estudantes participantes e com professores, buscando identificar a opinião de cada um deles acerca do assunto.

CAPÍTULO 1 – A Experiência de uma extensão: O Projeto Autonomia

O Projeto Autonomia tem sua base no desejo de uma educação democrática baseada na autonomia do estudante. A criança precisa do conhecimento para expandir sua visão de mundo, esse conhecimento pode ser adquirido sem que se torne um processo doloroso ou que exija um enorme sacrifício do estudante. Para que esse processo seja mais significativo, o estudante deve ser coparticipante no processo de construção do conhecimento. O projeto autonomia surge no desejo de colaborar para que o estudante adquira o conhecimento de forma autônoma e democrática.

Na sala de aula, onde a criança vai aprender a lidar com o conhecimento, a estrutura é muito definida. A aquisição e os modos de interpretação das novas informações, de um modo geral, são trabalhados exclusivamente através do professor. Entretanto, a criança precisa do conhecimento para explicar o seu mundo e para expandi-lo. Seu universo precisa ser conhecido e vivido sem que isso se torne um processo doloroso ou que exija enorme sacrifício, de tal forma que as escolhas sejam produto de uma bem desenvolvida capacidade de discernimento. (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p.2).

O projeto autonomia surge no desejo de colaborar para que o estudante adquira o conhecimento de forma autônoma e democrática. Desta forma, com as transformações vividas pelos sujeitos, o condutor das ações de educar serão as próprias crianças, baseada no conhecimento de suas possibilidades, na capacidade de optar conscientemente e responder por estas ações.

A Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo foi fundada em 1982, com a ideia de incorporar práticas educacionais inovadoras, contando com a contribuição de toda comunidade em todas as instâncias referentes à escola. A Vivendo é uma associação de pais e educadores, sem fins lucrativos. A partir dessas reflexões, um grupo de educadores, instituições e ex-pais da Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo, interessados em uma educação diferenciada para seus filhos nos anos iniciais do ensino fundamental nas escolas públicas de Brasília, propôs um projeto de continuação e inovação dessa proposta. A escola “Vivendo e Aprendendo”, localizada na 604 norte, tem em sua prática educacional semelhanças a Escola da Ponte, incorporando elementos e dispositivos de sua metodologia, mas sem deixar de lado suas singularidades.

Após um dos seminários realizados pela associação em 2009, que contou com a participação do educador e idealizador da Escola da Ponte de Portugal, professor José Pacheco, os pais e educadores intensificaram suas discussões a respeito do projeto supracitado. O grupo defendeu a criação de uma escola pública que fosse espaço de decisões coletivas e de acesso a todos os atores que estão presentes nela, dando aos pais, escola e

comunidade voz ativa nas decisões e na reflexão conjunta a respeito da organização da escola de forma construtiva e responsável. O objetivo era buscar uma educação que promova a potencialização de sujeitos criativos, responsáveis e autônomos:

A Escola da Ponte colocou em prática uma metodologia de ensino, que tem sido exitosa há mais de 30 anos. Também conhecida como “EBI Aves/São Tomé de Negrelos”, ela inovou a partir do momento que passou a acreditar que cada aluno é único e possui suas necessidades educacionais individuais. Na Escola da Ponte, as crianças decidem o que e com quem estudar. Em vez de classes, grupos de estudo. Independente da idade, o que as une é a vontade de estar juntas e de juntas aprender. Novos grupos surgem a cada projeto ou tema de estudo. Essa escola é fonte de inspiração para várias instituições e educadores.

Um dos pilares para a elaboração do documento norteador, que deu vida ao Projeto Autonomia, visava ao desenvolvimento da autonomia de todos os participantes do projeto, e não apenas dos estudantes. O projeto “visa contribuir com a rede pública de educação do Distrito Federal ao propor, na prática, uma metodologia de ensino com base na construção da autonomia, da solidariedade e da responsabilidade.” (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p.3.).

Inicialmente foram colocadas as preocupações dos pais e educadores, questionando a educação atual e buscando uma prática inovadora. O Projeto Autonomia teve base nos pressupostos pedagógicos da associação Vivendo e Aprendendo e da Escola da Ponte de Portugal.

A partir dessas experiências, e inspirando-se nelas, o Projeto Autonomia assumiu três princípios básicos: autonomia, solidariedade, e responsabilidade. Tendo como características pedagógicas:

- A **inclusão** dos estudantes com dificuldades educacionais, permitindo aos estudantes, através dos dispositivos e métodos, a interação formal e social. “O grupo de estudo deve abordar as questões específicas de cada um de forma que todas as crianças possam entender e ser solidárias com a especificidade do outro. A escola deve se moldar para que todas as crianças se sintam bem, se sintam aconchegadas no ambiente, sendo tratadas com o carinho que toda criança precisa.” (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p.5)

- A **autonomia**, permitindo que a criança seja um sujeito ativo no seu processo de aprendizagem, a escola tem o papel de colaborar no processo de constituição da autonomia do estudante. “O conhecimento é um caminho e cada um seguirá o seu.” (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p.5), o estudante será capaz de adquirir a capacidade de argumentar, interpretar e buscar o conhecimento que deseja.

- A **solidariedade**, que surge a partir do desejo de que as crianças se conheçam, interajam e dialoguem. “O modo de se ensinar a solidariedade é vivendo de forma solidária.” (PROJETO AUTONOMIA, 2010).

- E, por fim, a **responsabilidade**, que surge a partir da participação ativa do estudante nas decisões, tornando-o responsável pela criação dos dispositivos, discussão dos combinados, permitindo que a criança se torne parte do coletivo. “A responsabilidade da criança surge quando se acredita nela. A sua participação ativa tanto no seu próprio processo de aprendizado, como nos combinados e no respeito por sua liberdade de ação, é que permite que a criança se sinta parte do coletivo.” (PROJETO AUTONOMIA, 2010, p.5)

Com o projeto elaborado, o grupo de ex-pais da Vivendo, em busca de parcerias para fortalecer o projeto, apresentou-o aos professores do Instituto de Psicologia - IP e da Faculdade de Educação - FE da Universidade de Brasília, que se mostraram muito interessados em se juntar aos pais, com o desejo de transformar a educação. A apresentação do projeto à comunidade universitária, tinha o objetivo de promover uma discussão constante entre professores e a participação dos estudantes da graduação como estagiários. Este projeto foi uma proposição ativa da comunidade em direção à universidade.

No processo de discussão do projeto, paralelamente foi formado o GEPEPI – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Práticas Inovadoras. O grupo era formado por alunos e ex-alunos da Faculdade de Educação, que refletiam sobre novas práticas em educação e desejavam transformar a educação atual. Uma conversa para apresentação e discussão do projeto, entre os participantes do GEPEPI e os pais representantes, fez o novo grupo se juntar ao projeto.

A Universidade de Brasília, representada pela Faculdade de Educação e pelo Instituto de Psicologia, junto com o GEPEPI, com a intenção de fortalecer a ideia, elaborou um curso de extensão para os professores das escolas participantes e para a comunidade em geral. Professores da Faculdade de Educação decidiram oferecer aos estudantes do curso de Pedagogia a oportunidade de vivenciar práticas inovadoras e discutir a respeito delas. Pensando na formação dos graduandos as professoras Fatima Rodrigues e Alexandra Rodrigues ofertaram os Projetos 3 e Projeto 4 para os estudantes, que já integravam o currículo do curso de Pedagogia. Os estudantes participariam de discussões e de práticas nas escolas parceiras, realizando atividades e colocando em prática os princípios éticos do projeto autonomia.

Conversas entre professores do Instituto de Psicologia e da Faculdade de Educação, fizeram surgir o interesse na criação do Curso de Extensão, que seria desenvolvido conjuntamente com os Projetos 3 e 4 para os estudantes do curso de Pedagogia, realizando a prática nas escolas veiculadas ao Projeto de Extensão e Ação Contínua – PEAC “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras”. Contando também com a participação dos estagiários do curso de Psicologia, auxiliando nas intervenções e nas atividades realizadas dentro das escolas parceiras.

Dentro do PEAC, aconteceram encontros semanais, alternando as reuniões entre a Universidade de Brasília e escolas participantes. Nestas reuniões, além do planejamento, aconteceram os debates a respeito de experiências inspiradoras. Todas as semanas aconteceram intervenções pedagógicas nas escolas participantes em, pelo menos, um turno. Semanalmente os estudantes e professores do projeto se reuniam com professores das escolas parceiras para discussões de tutoria. Eram oferecidas oficinas para as crianças das escolas participantes, que em um ano (2012), eram semanais e, em outro (2013), mensais. A entrada em cada escola e a metodologia era pensada com a instituição e a configuração se dava de forma diferenciada em cada escola.

Para colocar o projeto em prática era necessário definir parceiros/escolas, então foi decidido que a proposta seria apresentada para toda a comunidade escolar incluindo: direção, coordenação, professores e pais. Na expectativa de uma construção coletiva dessa nova prática. O projeto foi iniciado em uma escola da Rede de ensino do Distrito Federal.

A partir de evento realizado em uma das Escolas, com a participação do professor José Pacheco, outras escolas se interessaram pelo projeto, e demonstraram interesse em conhecer melhor a prática que ele trazia. Algumas escolas em que o projeto foi apresentado demonstraram não entender os princípios e as questões epistemológicas, e acreditavam que o projeto seria levado pronto, mas a intenção era que tudo fosse construído de forma coletiva e colaborativa.

Encerrada a experiência na primeira escola um novo ano começou. Em 2013, o Projeto 3 e 4 junto com o PEAC, iniciou uma nova parceria com outra Escola Classe da Rede de Ensino Pública. Os planejamentos eram realizados semanalmente na universidade de Brasília, com os professores da Faculdade de Educação e do Instituto de Psicologia em conjunto com os estudantes da graduação, participantes do projeto de extensão, além de reuniões quinzenais realizadas na escola com professores e coordenadores.

Inicialmente seriam realizadas oficinas mensais com as crianças e adolescentes da escola, contando com a participação dos estudantes extensionistas e professores. Todos os estudantes decidiam de quais oficinas desejavam participar e realizava sua inscrição no dia determinado. Eram oferecidas oficinas de brincar e criar, onde cada estudante poderia escolher participar de duas oficinas, sendo uma de cada categoria. As oficinas foram um sucesso entre os estudantes, era fácil perceber a felicidade de cada um deles no momento das atividades. Além das oficinas os extensionistas foram divididos por turmas, no intuito de observar a prática de cada professor e elaborar propostas de mudanças relacionadas aos dispositivos previstos no Projeto Autonomia, com o objetivo de enriquecer a prática do professor e os processos de aprendizagem dos estudantes da escola e da Universidade. Após a realização das oficinas, houve uma avaliação realizada com toda a escola e os integrantes do projeto, visando a uma avaliação processual. No decorrer do projeto, após diversas reuniões e avaliações ficou cada vez mais evidente que os participantes do projeto não sentiam que pertenciam à escola e alguns professores ainda não compreendiam qual era o objetivo central do projeto. As dificuldades e os ganhos foram fundamentais para novos direcionamentos do Projeto.

Também em 2013, o Projeto Autonomia participou da organização e execução da Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação – CONANE, realizada em novembro. Essa conferência foi o momento de encontro e de trocas das várias experiências inovadoras existentes no país, trazendo para o Projeto Autonomia a esperança de uma educação transformadora e certeza de que com essas várias experiências compartilhadas, poderemos mudar a educação.

No ano de 2014 o Projeto Autonomia segue com a proposta de estar na escola, porém, desta vez, o projeto se realizará apenas nas salas de professores interessados em mudar sua prática, o que exigiu do Projeto estar em cinco escolas da rede. O rumo das ações deste ano é a realização do Fórum Autonomia, um espaço que proporciona a todos os interessados em refletir sobre sua prática, condições para um pensar coletivo. O Projeto Autonomia reúne-se todas as semanas com os estudantes da UnB, envolvidos com suas ações; reúnem-se a cada quinze dias no Fórum com professores da Universidade, estudantes da UnB, egressos no curso de pedagogia, psicologia, entre outros; professores da rede com um até vinte anos de sala de aula, e todos os interessados em estudar e fazer uma mudança em sua prática.

CAPÍTULO 2 – CONCEITOS NORTEADORES

Conceito de Autonomia

Autonomia é um termo de origem grega que está relacionado com independência, liberdade ou autossuficiência. Na educação, a autonomia ganha seu sentido, quando o educando assume-se como autor do seu processo de produção do saber, deixando para o professor a tarefa de criar possibilidades para a produção e construção deste. A autonomia ganhou sentido sócio-político-pedagógica nas palavras do pensador Paulo Freire quando afirma “autonomia é a condição sócio histórica de um povo ou pessoa que tenha se libertado, se emancipado das opressões que restringem ou anulam sua liberdade de determinação”. (ZATTI, 2007, p. 53) Além da liberdade de pensar em si, e da capacidade de pôr princípios próprios, a autonomia exige que o homem seja um ser consciente e ativo, capaz de questionar e ir além de seus condicionantes.

Conforme compreendido por Vicenti Zatti (2007), acerca do pensamento Kantiano a respeito da autonomia, podemos dizer que uma educação que vise formar sujeitos autônomos deve unir lições da experiência e os projetos da razão. Isso porque no caso de basear-se apenas no raciocínio puro, estará alheia à realidade e não contribuirá para a superação das condições de heteronomia e, no caso de guiar-se apenas pela experiência, não haverá autonomia.

De acordo com Petroni e Souza (2010), Paulo Freire parte de um pensamento a respeito da liberdade, equivalente ao momento em que o sujeito libertar-se da opressão exercida pela maioria dominante, e da simples reprodução dos conhecimentos produzidos que massificam e alienam os sujeitos, permitindo que se tornem conscientes, críticos e autônomos, participantes ativos na construção da história da sociedade em que estão inseridos e também de sua própria história.

O educador aparece como agente, cuja tarefa é passar aos educandos conteúdos que são desconectados da realidade, desta maneira a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Paulo Freire (2005) dá o nome de concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

Um educador que busca uma educação autônoma deve sempre estar atento a sua prática, tomando cuidado à concepção bancária da educação, pois esta concepção é totalmente contrária aos princípios da autonomia.

A concepção bancária distingue a ação do educador em dois momentos, o primeiro o educador em sua biblioteca adquire os conhecimentos, e no segundo em frente aos educandos narra o resultado de suas pesquisas, cabendo a estes apenas arquivar o que ouviram ou copiaram. (ZATTI, 2007, p. 47)

No caso da educação bancária, não há à construção do conhecimento, os educandos não são chamados a conhecer e pesquisar, apenas memorizar algo pronto que é passado pelo professor. Desta forma os estudantes não têm a oportunidade de exercer sua criticidade e seu papel de construtor do próprio saber, sendo oposto a uma educação que pretende educar para autonomia. A pura transferência do saber e a ausência do educando na produção do conhecimento são para Freire um dos elementos responsáveis pela desmotivação, pela falta do interesse dos estudantes nos conteúdos “passados” em sala de aula.

O professor não deve ser visto como possível sujeito do processo educativo, o qual nunca se constitui isoladamente de um discurso pedagógico. Ao contrário, deve ser a figura capaz de tecer relação entre todos os múltiplos discursos presentes em sua prática pedagógica, permitindo então aflorar em si e nos estudantes a criatividade e a criticidade a partir da sua visão do mundo, da vida, da história e das relações culturais. Dentro desta perspectiva de formação, tornara-se evidente que para atuar como formador de sujeitos humanos é imprescindível que se tenha sensibilidade.

Segundo Freire (2013, p. 25), ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar, é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Os estudantes não são sujeitos que não possuem saberes, eles levam consigo suas experiência e opiniões, o educador deve levar em conta a essência de cada aluno, os saberes que ele carrega consigo e suas experiências. “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, a curiosidades, às perguntas dos estudantes, às suas inibições;” (FREIRE, 2013, p. 47). O educando é um sujeito crítico e ativo, e deve participar do seu processo de produção do conhecimento, sendo reconhecido e ouvido.

Uma educação para a autonomia deve proporcionar ao educando a oportunidade de construir e conquistar sua autonomia a partir de sua vivência, da própria liberdade. Segundo Pacheco (2012, p. 15), se o professor pretende despertar sentimentos de respeito ou de responsabilidade nos seus estudantes, precisa colocar esses sentimentos nas suas atitudes. A educação para a autonomia deve estar centrada em contextos formativos que proporcionem

aos educandos experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, tornando-os sujeitos autônomos.

Para a prática de uma educação autônoma é necessário que os sujeitos assumam-se “como ser social e histórico, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.” (FREIRE, 2013 p. 42). Assumir-se não significa a exclusão do outro. “Fomentemos uma autonomia, que não é autossuficiência e solidão, mas algo que se exerce relativamente ao outro, com o outro, sem desistir do outro” (PACHECO, 2012, p.16). Essa assunção liga-se à identidade cultural do sujeito, sua dimensão individual e sua classe. Assumir-se implica ao sujeito o desafio de ser autêntico, sendo o que é a partir de si mesmo, tornando-se autônomo. Para que o educando seja motivado a assumir-se, o educador deve respeitar sua autonomia.

Defendemos que uma educação que visa promover a autonomia deve atentar para a formação do ser humano e não apenas para o ensino-aprendizagem de conteúdos. Dessa forma, precisa atentar para todos os elementos envolvidos na educação: a postura do professor, da direção, a situação material da escola, a participação dos pais, os conteúdos a serem apreendidos, etc. A formação ocorre na interação de todos os elementos que envolvem a educação, por isso todos eles devem ser pesados de tal forma a contribuir para a aprendizagem crítica e para a construção gradativa da autonomia do educando. (ZATTI, 2007, p. 56)

Segundo Pacheco (2012, p.11), a Autonomia exprime-se como produto da relação. Não existe autonomia no isolamento, mas na relação EU-TU. É nas relações construídas com os pais e os professores que a criança vai encontrar os limites, permitindo assim que ela cresça em sua autonomia, dando liberdade a suas expressões dentro da relação com o outro e com o meio social.

Desta forma, a autonomia deve levar em conta a capacidade que o sujeito adquire de agir com responsabilidade durante seu processo de desenvolvimento e por meio das relações que estabelece com o meio. Levando em conta que ser autônomo implica: tomar decisões de forma consciente e crítica, assumir compromissos e consequências, e ter consciência das condições materiais que caracterizam as práticas sociais. Um sujeito autônomo tem capacidade de perceber que durante seu processo de desenvolvimento torna-se “ator e autor de sua história, consciente de que não está sozinho, vendo-se como diferente e aprendendo com as diferenças; aquele que dispõe de recursos para expressar-se livremente e ser compreendido pelo outro, em um exercício permanente do diálogo e da reflexão, em que exerce sua liberdade” (PETRONI E SOUZA, 2010, p. 356).

Conceito de Estética

É possível compreender que a evolução estética não se refere apenas e necessariamente à arte; refere-se também à integração mais intensa e profunda do pensamento, do sentimento da percepção. Pode, assim, suscitar maior sensibilidade em face da existência e, portanto, converte-se no objetivo principal da educação. (Lowenfeld e Brittain, 1977, p. 398. Apud DUARTE, p.87).

Estética vem do grego *aisthési*, que quer dizer percepção, sensação. É o estudo daquilo que é belo na natureza e na arte. A Estética é uma das formas mais antigas da relação do homem com o mundo e tem se revelado de acordo com a sociedade e suas transformações. Quando está ligada à educação, apresenta-se nos processos criadores que se diferenciam de processos tradicionais de ensino, chegando à constituição do sujeito como um todo, levando em conta seus sentimento e percepções. Vários filósofos, críticos e teóricos tiveram como tarefa caracterizar, situar e justificar a Estética em suas diversas dimensões.

A compreensão da Estética surge na antiguidade, iniciada por Platão, em suas obras “O Banquete” e “Fedro”, que traziam a preocupação com o espaço que o conceito de beleza ocupava, nas coisas do mundo, estabelecendo uma união inseparável entre o belo, a beleza, o amor e o saber. Para Platão, o belo é aquilo que é bom, e só é possível se fazer um juízo estético a partir de um ideal de beleza suprema.

As considerações feitas por Platão a respeito da estética estão ligadas ao período no qual foi criada. Platão atribui à linguagem artística um papel pedagógico primordial, porém ele achava que o campo das artes não estava ligado ao campo da filosofia: a arte está ligada ao sensível, à sensualidade, às emoções e aos afetos. A filosofia tem relação com o inteligível, o conhecimento e o espírito.

A relação entre as duas é necessariamente uma relação de sujeição: a arte está a serviço da filosofia e, na medida em que a filosofia se identifica com o político, a arte também é submetida à organização do Estado. (JIMENEZ, 1999. p. 204)

Platão respeita a beleza, mas desconfia da arte, por razões morais e políticas, desta forma mostra que seus critérios estéticos estão mais ligados às exigências morais do que artísticas. Platão reconhece a importância da arte e reconhece que ela está longe de ser uma questão menor, para o filósofo “ela se torna mesmo uma questão maior quando é assumida pela filosofia”. (JIMENEZ, 199. 205)

O filósofo Aristóteles também discutiu a Estética em sua famosa obra a “Poética”, trazendo princípios contrários aos de Platão, onde a estética deixa de ser algo abstrato para se tornar concreto e realista como: a teoria da imitação e a catarse. Na estética de Aristóteles, o

belo era algo mutável que poderia evoluir. Aristóteles não somente ignora a separação entre o mundo sensível e o inteligível, com também associa o prazer à imitação artística da natureza.

Para Aristóteles, a imitação é tendência natural, que possui relação com as coisas, e não ideias abstratas.

Imitar é algo natural dos homens e manifesta-se já na infância (o homem difere dos outros animais por ser capaz de imitação e é através dele que adquire seus primeiros conhecimentos) e em segundo lugar, todos os homens gostam de imitações. (JIMENEZ, 1999)

Essa libertação do ato de imitar trouxe consigo diversas consequências durante séculos, e com ela a reflexão de que: a imitação da natureza não é uma reprodução ou cópia idêntica. Como mostra a catarse: imitar é mais do que imitar e, dentro deste ato, há um elemento misterioso que é acrescentado na relação da arte com os espectadores.

Muitas são as ocasiões que podem estar na origem de uma vivência estética: ao observar uma paisagem ou um objeto natural, ao ler um poema ou um romance, ao ouvir uma peça musical, ao observar um quadro, uma escultura ou uma obra de arquitetura, ao assistir a um filme, a um concerto, a uma representação teatral. Mas a experiência estética é uma vivência que não é fácil de caracterizar, devido a sua complexidade e profundidade.

Vários filósofos se preocuparam em estudar a Estética no decorrer dos séculos, mas nenhum deles foi tão importante quanto Kant. Os conceitos elaborados por Kant serviram de referencial para o estudo de outros autores, e após sua teoria, ele não deixou de ser citado. Kant buscou resgatar a questão estética em sua obra “Crítica da faculdade do juízo”, por meio do conceito de juízo estético.

Para Kant “O juízo de gosto não é, pois, nenhum juízo de conhecimento, por conseguinte, não é lógico e sim estético, pelo que se entende aquilo cujo fundamento de determinação não pode ser senão subjetivo” (KANT, 1993, p.48). A vivência estética é subjetiva, isto é, nela não buscamos nada que contribua para o conhecimento do objeto enquanto tal, mas o modo com o sujeito é afetado quando representa ou contempla um determinado objeto. Não se trata de saber se o objeto provoca prazer e satisfação ou se é bom, pois o agrado produzido pelo belo é independente de todo interesse sensível ou racional ligado ao objeto.

Segundo Ribeiro dos Santos (2010, p.36) Kant, tratou as questões estéticas sob a forma de uma análise da experiência estética, no intuito de captar, interpretar e compreender o que nela está envolvido. Kant associa o agradável ao que é sensorial, em que o sujeito se satisfaz no próprio ato do consumo, pois é fonte de prazer e satisfação aquilo que agrada aos sentidos na sensação, gerando no sujeito uma dependência e um interesse para com o objeto.

O que é bom pode ser objeto de um juízo estético, já que é bom aquilo que, através da razão, agrada por simples conceito.

A Estética como disciplina filosófica é considerada jovem, surgindo em meados do séc. XVIII com o filósofo Alexandre Baumgarten. Conhecidos por sistematizar a abordagem das questões estéticas numa nova disciplina filosófica chamada *Aesthetica*, dando evidência a importância das faculdades sensíveis humanas que à época eram geralmente desconsideradas a favor das faculdades intelectuais. A ideia de Baumgarten era mostrar que a sensibilidade tem uma lógica autônoma e se regula por princípios próprios, os quais não devem ser extraídos da lógica do entendimento ou da razão, mas sim da fantasia ou imaginação. (BAUNGARTEN, 2007 apud RIBEIRO DOS SANTOS 2010, p38). Kant está, em alguns pontos, muito próximo da proposta de Baumgarten da Estética entendida como uma lógica da sensibilidade, onde o sujeito capta a perfeição do mundo sensível.

Em suas experiências estéticas o homem é um ser que não nasce pronto, mas que busca em suas experiências uma formação que pode ser caracterizada como um processo humanizador, no qual o indivíduo se transforma num ser cultural. Segundo Walter Benjamin “tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos” (BENJAMIN, p. 114, apud MITROVITCH, 2007, p. 42). Pensando um novo conceito de experiência, levando-nos a outra dimensão do diálogo entre adaptação/ superação, afastando-nos do conhecimento que é tomado como organização e sistematização da experiência e aproximando-nos do saber que para Benjamin é fruto não apenas de uma motivação ética, mas também estética.

A linguagem é incapaz de descrever e explicitar totalmente o sentimento humano, sentimento, neste caso, é a percepção do nosso interior e nossas relações com o mundo. A linguagem permite que as características essenciais dos fatos e objetos sejam deixadas de lado e representadas a partir de símbolos. A forma da linguagem não reflete a forma natural do sentimento, de modo que não podemos formar quais quer conceitos de sentimento com a ajuda da linguagem discursiva. A linguagem discursiva tem por função a comunicação, ou seja, a transmissão dos conceitos. “A função primordial da Arte é objetivar o sentimento de modo que possamos contemplá-la e entendê-lo. E a formulação da chamada “experiência interior”, da “vida interior”, que é impossível atingir pelo pensamento discursivo...”. (DUARTE JR, 1981, p.77). Desta forma, a partir das linguagens estéticas podemos compreender os sentimentos através de tais experiências, sentimento que possui seu sentido próprio que é expresso através da experiência estética.

As experiências estéticas constituem-se na objetivação dos sentimentos, e na expressão deles durante o processo criador. A primeira característica da *experiência estética* é que a partir dela o sujeito vê o mundo de maneira direta, sem a mediação de conceitos e símbolos que já foram impostos previamente. O sujeito pode pensar o mundo, de forma direta e torná-lo objeto, relacionando-se com ele anterior a qualquer conceituação.

No momento da experiência estética ocorre o envolvimento total do homem com o objeto estético. A consciência não mais apreende segundo as regras da realidade cotidiana, mas abre-se a um relacionamento sem mediação parcial de sistemas conceituais. (DUARTE, 1981, p.84)

Na experiência estética as regras são substituídas por momentos de criação, afastando-nos do mundo real e nos aproximando de uma nova realidade. Segundo João Francisco Duarte Jr. (1981, p. 84) a experiência estética é “uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja. Ela se dá como a percepção global de um universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação”. Transformando o modo como percebemos o cotidiano, levando-nos a perceber os objetos a partir de suas funções e de suas relações. O prazer estético vai estar presente na descoberta da vivência harmoniosa entre as formas de sentimento com os objetos estéticos, fazendo com que nos identifiquemos com o objeto estético através de tais sentimentos.

A criatividade está baseada em formas de pensamento distintas das formas que aparecem no cotidiano, procurando estabelecer novas relações simbólicas. Entre símbolos e experiências que não se relacionavam anteriormente, buscando expressar tais relações através de símbolos que possam traduzi-las. Desta forma, “o indivíduo criador é justamente aquele que dirige sua atenção a seus sentimentos, para depois expressá-los por meio de símbolos e novas relações simbólicas.” (DUARTE, 1981 p. 89)

Os processos criadores participam de um padrão comum, por ele chamado bissociação, que consiste na conexão de níveis de experiência ou sistemas de referência. No pensamento criador a pessoa pensa simultaneamente em mais de um plano de experiência, ao passo que no pensamento rotineiro ela segue caminhos usados por anterior associação (KOESTLER apud KNELLER, 1976 apud DUARTE, 1981 p. 89)

Durante o processo criador o sujeito baseia-se fundamentalmente nos significados sentidos por ele a partir de suas experiências, transformando-as no momento da criação em símbolos que expressam o que é sentindo a partir da experiência estética atual.

Walter Benjamin (MITROVITCH, 2007) nos diz que é tarefa da educação, guiar a criança tanto para o reconhecimento como para a própria criação de um espaço que possibilite abrir caminhos para novas experiências. A percepção estética presente na escola deve “conduzir a criança para além do dualismo interior *versus* exterior, criando uma alternativa para diversas dualidades impostas pelo mundo moderno”. (MITROVITCH, 2007, p. 77). Ela pode proporcionar ao estudante a oportunidade de colocar em prática sua criatividade e desenvolver um saber estético a partir de tal experiência.

Benjamin critica uma escola que “transmite um saber que não está convencida de que é necessário” (BENJAMIN, apud BOLLE apud MITROVITCH, 2007, p.48) fingindo formar os estudantes, mas pelo contrário, não dando formação nenhuma. Trazendo uma crítica ao saber fingido, que não é transmitido por inteiro, desta forma este saber não pode cumprir sua função de reflexão sobre os valores que devem ser deixados as futuras gerações. No ambiente escolar há uma carência de espaços para experimentação, transformando as dúvidas e incertezas dos estudantes em horizontes, que podem ser usados com perspectiva a construção do saber e da experiência.

Durante a experiência estética, equilibram-se as faculdades intelectuais e emocionais, criando uma relação entre razão, sentimentos e imaginação. Duarte ao citar Mikel Dufrenne diz:

De certo modo o objeto belo, aqui, é apenas ocasião do prazer; a causa do prazer reside em mim, no acordo da imaginação com o intelecto; isto é, das duas faculdades que todo encontro do objeto põe em jogo; mas, enquanto no juízo de conhecimento o intelecto governa a imaginação, na experiência estética a imaginação é livre, e o que experimentamos é o livre jogo das faculdades e da sua harmonia mais do que sua hierarquia. (DUFRENNE apud DUARTE, 1981, p. 95).

Dentro da experiência estética a imaginação amplia os limites do cotidiano, adquirindo uma autonomia em sua ação. Porém esta autonomia adquirida não significa um “livre vagar pelos campos do imaginário” (DUARTE, 1981, p. 95), esta imaginação segue o rumo que objeto lhe dará, dando a oportunidade de ampliar seu significado livremente.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Visando à abrangência dos conceitos e levando em conta o pensamento dos sujeitos da pesquisa a respeito do assunto investigado e minha escolha ética para olhar os dados, escolhemos uma abordagem qualitativa. Este tipo de abordagem permite um maior aprofundamento, dando ao pesquisador uma “ampla liberdade teórico-metodológica para realizar seu estudo” (TRIVIÑOS, 1926 P.133).

O significado é a preocupação essencial de uma pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador busca detectar os significados que as pessoas dão aos fenômenos. A pesquisa qualitativa tem o ambiente como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados.

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valorizam-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que esta sendo estudada. (GODOY, 1995. p.62)

Buscando compreender os fenômenos pesquisados, dentre vários métodos utilizados na pesquisa qualitativa, utilizou-se a análise do diário de campo produzido a partir de observações dos fenômenos ocorridos durante a prática escolar. A observação, em alguns momentos, se fez de forma participante. Segundo Gil (2008, p. 103) “a observação participante consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume [...] o papel de membro do grupo”. Possibilitando uma compreensão dos fenômenos, partindo de uma visão onde o pesquisador está inserido na prática que ocorre dentro do contexto da pesquisa.

O diário de campo é um importante instrumento utilizado para registrar os dados e informações das experiências vividas, de forma sistematizada. Neste trabalho ele foi um instrumento para despertar os questionamentos acerca do tema estudado e base para a questão central da pesquisa. Segundo Minayo (1999, p.63) o diário de campo é um instrumento ao qual recorreremos em qualquer momento da rotina do trabalho que estamos realizando. Nele podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas.

Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congrega os diferentes momentos da pesquisa. [...] Quanto mais rico for em anotações esse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e à análise do objeto estudado. (MINAYO, 1999 p.63 E 64)

Outro instrumento utilizado para análise, foi à entrevista semi-estruturada. Segundo Minayo:

Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo. (MINAYO, 2007. P.64)

Em geral uma entrevista semiestruturada parte de certos questionamentos básicos, que são apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de perguntas, que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do entrevistado. “O informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa”. (TRIVIÑOS, 1926. P.146)

Um ponto importante deste tipo de instrumento é a forma como, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação.

3.1- Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi feita em uma Escola Pública do Distrito Federal que atende aos primeiros anos do ensino fundamental e serviu como local de prática para o Projeto de extensão “Diálogos com experiências educacionais inovadoras”, no ano de 2013 e o Projeto 4 – Estágio Curricular. A instituição pertence à Regional de Ensino do Plano Piloto, está rodeada por árvores e natureza abundante. É uma escola relativamente pequena. Na escola há 410 estudantes e 16 professores, divididos nos turnos matutino e vespertino.

A estrutura física da escola é conservada, apesar de o espaço das salas de aula ser pequeno para comportar algumas turmas que são grandes, isto dificulta o trabalho dos professores em diversos momentos, além de ser limitado para realização de algumas atividades. Há oito salas de aula, uma direção, uma coordenação, uma sala para orientação educacional, uma cantina, uma sala de recursos, um almoxarifado, uma sala para os funcionários da manutenção. Há uma sala dos professores, reservada para planejamentos e reuniões, porém o espaço é limitado e, em diversos casos, a falta de espaço parece prejudicar o trabalho de planejamento dos professores. Existe um laboratório de informática, mas, por falta de professor para ministrar as aulas no laboratório, os computadores não são utilizados e a sala onde estão virou um depósito. Tem banheiros femininos e masculinos para serem

utilizados pelos estudantes, e outros dois para os professores e funcionários. Para o lazer dos estudantes há uma quadra de esportes coberta, um parquinho de areia, uma casinha de boneca. Ao redor da escola podemos encontrar uma natureza abundante com árvores e todos os tipos de plantas típicas, este espaço poderia ser mais utilizado e explorado por estudantes e professores.

Acontece no pátio da escola a hora cívica, uma vez na semana, sempre no fim do dia, neste momento os estudantes cantam o hino nacional. No pátio da escola tem bancos coloridos e lixeiras de coleta seletiva, porém nem sempre são respeitadas pelos estudantes. Por falta de um espaço para a Biblioteca, os livros ficam em uma prateleira localizada no pátio da escola e em prateleiras dentro de cada sala, não há variedade de livros, a maior parte do tempo eles estão desorganizados e muitos ficam no chão, causando certo desinteresse dos estudantes.

Durante o recreio as crianças ficam livres para brincar, não há professores nem monitores acompanhando-as. Há uma escala entre as turmas para a utilização da quadra, cada dia da semana pertence a uma determinada turma. Neste momento as crianças têm acesso a um armário que fica no pátio, lá elas encontram jogos, cordas, bolas, aparelhos de som. Estes brinquedos estão disponíveis para livre utilização dos estudantes, mas ao final do recreio todos foram orientados a guardar os brinquedos no armário, de forma organizada. Para avisar o término do recreio, toca uma música que, geralmente, tem relação com algum projeto que está sendo realizado no contexto escolar ou músicas atuais.

Na escola há vários murais que sempre estão sendo atualizados, neles podemos encontrar trabalhos dos estudantes, projetos realizados pelas turmas e comunicados. Acontece uma vez por mês a apresentação das turmas, organizada pela professora, para toda a escola. As apresentações podem ser dinâmicas, teatros, música etc. O tema de cada apresentação está ligado ao conteúdo estudado.

Durante dois semestres acompanhei a prática do Projeto Autonomia dentro da escola. O Projeto entrou na escola com o objetivo de propiciar um espaço de construção colaborativa de práticas educacionais inovadoras, visando a avaliação continuada e formativa com os coordenadores e professores do projeto, estudantes extensionistas da UnB e a comunidade escolar. No primeiro momento, o projeto se desenvolveu no interesse da escola pela mudança em sua prática educacional. Este interesse desenvolveu-se a partir do contato dos coordenadores e professores do projeto com a gestão da escola, visando às possibilidades do

desenvolvimento do projeto na escola e a entrada dos estudantes, de diversas áreas de atuação, para a observação e prática no ambiente educativo.

Além das observações, feita pelos estudantes, a atuação do projeto autonomia se deu através da realização de oficinas na escola, tais oficinas foram planejadas, executadas e avaliadas, em conjunto com toda comunidade escolar. A partir da entrada efetiva do projeto na escola, foram realizados encontros semanais entre coordenadores, professores e estudantes participantes do projeto, na Universidade de Brasília, visando à avaliação, planejamento e discussão sobre a prática do projeto, além de compartilhamento das demandas e problemas enfrentados durante a atuação. Reuniões quinzenais na escola, com a participação dos membros do projeto, professores e coordenadores da escola, visando o estudo colaborativo, planejamento de atividades, avaliação e discussão acerca da atuação do projeto no contexto escolar.

3.2 - Sujeitos da pesquisa e procedimentos na execução das entrevistas

A entrevista realizou-se em uma escola de Ensino Fundamental da rede pública do Distrito Federal, onde se desenvolveu o Projeto Autonomia no ano de 2013. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com quatro professoras, que no ano em que se desenvolveu o projeto na escola, eram atuantes em salas de aula regular e duas professoras que eram atuantes na coordenação pedagógica.

As entrevistas aconteceram na escola, com encontros e cronograma acertados previamente, com os professores e estudantes. Aos estudantes foi enviado um termo de consentimento livre e esclarecido, para que os pais assinassem autorizando o estudante a participar da pesquisa, já os professores o assinaram no dia da entrevista. A elaboração desse termo tem por objetivo resguardar os cuidados éticos para com os participantes da pesquisa, e ainda como forma de assegurar a identidade dos sujeitos envolvidos.

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos a partir de sua participação e envolvimento durante a prática do Projeto Autonomia e na realização das oficinas na escola. Com a ocorrência de mudanças na gestão da escola no ano de 2014, dentre as professoras entrevistadas, uma no ano em que se realizou o projeto na escola atuava em sala de aula regular e, hoje, atua na coordenação pedagógica. Houve outro caso de uma das professoras entrevistadas, no ano em que se realizou o projeto na escola, atuava na coordenação pedagógica e, hoje, está atuando em sala de aula regular.

Entre os sujeitos da pesquisa que são professoras, encontramos idades entre 25 e 60 anos. A maioria é atuante na rede pública de ensino há mais de 10 anos, graduadas em Pedagogia. Tais professoras tiveram participação no Projeto Autonomia, recebendo em sala de aula no ano de 2013 os extensionistas da UnB. Além da participação nas oficinas e execução do projeto dentro da escola.

Entre os sujeitos da pesquisa, participaram alunos com idades entre 9 e 10 anos. Todos pertencem a uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Os sujeitos participaram das oficinas ativamente e estiveram presentes nos dois momentos realizados, o momento de criar e, outro, de brincar. No ano em que se realizou o Projeto na escola os educandos cursavam o 4º ano.

Durante as entrevistas, foi possível perceber a opinião de cada sujeito, o modo como perceberam a atuação do projeto dentro da escola e a forma como modificou o cotidiano de cada um deles.

CAPITULO 4 – ANÁLISE DE FRAGMENTOS

Nessa etapa do trabalho buscou-se, por meio de entrevistas semiestruturadas e da observação, foi possível analisar os dados, dando voz aos sujeitos que vivenciaram o desenvolvimento do Projeto Autonomia na escola. A partir da análise dos depoimentos foram criadas algumas categorias de análise, partindo de pontos que se destacaram na fala de cada entrevistado. A separação dos relatos nessas categorias justifica-se pelo caráter facilitador com relação à discussão, porém todas as categorias estão interligadas e compõem o objetivo maior do estudo.

As questões utilizadas foram pautadas nas reflexões tidas durante a observação, à prática educativa na escola e nos registros do diário de bordo. Estes desencadearam alguns questionamentos sobre a percepção dos sujeitos da escola em relação ao projeto e em cada relato buscou-se perceber sob o olhar dos sujeitos como as experiências estéticas se constituíram na prática do projeto e resultaram em ações autônomas.

4.1 - Conceito de estética construído a partir do senso comum

No momento em que são questionados a respeito da estética e qual é seu conceito, os professores se deparam com uma concepção singular do que pode ser a experiência estética e esta se aproxima do senso comum, conforme percebemos na fala de uma das professoras entrevistadas:

Estética é a preocupação com aparência do trabalho que o aluno faz, seja a letra, a organização do caderno, uma pintura, um desenho, a construção de um trabalho. É quando, por exemplo, a criança está preocupada e chega pra você e fala "professor, se eu fizer desse jeito fica bonito" quando ele pergunta se está bonita, ela está preocupando com a estética do que ela está fazendo, então aquela criança que em qualquer trabalho tem a preocupação em: recortar direito, colar, de ver se enquadra dentro do espaço, isso eu vejo como experiência estética (Professora 5)

O que fica claro na fala da professora, é um conceito de estética voltado à aparência e organização das atividades realizadas em sala de aula, levando em conta apenas o fazer

correto dos estudantes e sua forma de organizar suas atividades assim como, julgar se está de forma correta ou não.

O professor, como sujeito da cultura precisa apropriar-se de uma sensibilidade estética, desenvolvida nas relações com os objetos culturais e artísticos. Ao fruir as artes, o sujeito relaciona-se consigo e com o contexto que o cerca, neste sentido, ao entrar em contato com o que o outro faz, numa relação dialética o apreciador experimenta, por meio dos seus sentidos, um diálogo com a produção humana. Vê-se nela, vê no outro e o contexto social, pois a arte e parte do humano. Ainda, na condição de criador percebe que pode livremente expressar o que pensa e sente dialogando consigo e com o contexto que o cerca. (NEITZEL e CARVALHO, 2011, p. 106).

A experiência estética não é apenas a compreensão que nós temos do senso comum ligada diretamente à questão da beleza, do fazer correto. A experiência estética está além disso, ela está presente no se colocar do sujeito através de seus sentimentos e experiências.

A atitude estética é uma atitude desinteressada, é uma abertura, uma disponibilidade não tanto para a coisa ou o acontecimento “em si”, naquilo que ele tem de consistência, mas para os efeitos que ele produz em mim, na minha percepção, no meu sentimento. (VILELA, 2012, p. 112)

Para ser trabalhada em sala de aula é necessário que a experiência estética seja iniciada pelo próprio professor e que ele conheça do que se trata tal experiência e de sua importância para o processo educativo e moral do sujeito. Em sua dimensão educacional o conceito de estética é pouco explorado e conhecido de forma superficial no ambiente educativo. É cada vez mais difícil reconhecermos momentos de experiências estéticas dentro da escola. Muitos educadores, só percebem a estética após serem questionados a respeito dela e, assim, reconhecem sua dimensão, como podemos ver na fala das educadoras a seguir:

A experiência estética é um conceito muito complicado e muito pouco trabalhado... (PROFESSORA 2)

Quando você fala estética a gente lembra sempre de alguma coisa que tem a ver com aparência, físico, do palpável. A arte seria estética, seria também a composição de atividades, a música e eu nem tinha pensado nisso eu só tinha pensado estética só parte físico, algo artístico, organização da sala, organização do espaço onde você se encontra a aparência da pessoa, até como ela se sente. O estético envolve muito coisa é complicado de você separar. (PROFESSORA 4)

Diante da visão dos educadores acerca da experiência estética, fica clara a falta de informação e o conhecimento superficial a respeito de tais experiências. Desta forma o

professor não vê a dimensão dos espaços presentes na escola e a importância de criar possibilidade para torná-los espaços de experiências estéticas e perceber como elas podem ajudar no processo educativo, trazendo para os educandos experiências que transformam seus contextos e ajudam na formação do sujeito como um todo. A educação estética transforma o olhar do educando, transcendendo-o para um mundo de diversas possibilidades. “Educação estética refere-se à atitude do sujeito perante o mundo, o estabelecimento de uma relação sensível, de beleza, de harmonia com o mundo – relação que está se ampliando para outros campos que não somente o da arte-educação” (Duarte Júnior, 2006 apud MELO DE AMORIM e CASTANHO, 2008, p. 1179 e 1180).

Com base nos aspectos apresentados, acredita-se ser importante que o conhecimento a respeito da experiência estética esteja presente na formação do professor, pois quando ele passa a ter contato com a dimensão de tal experiência, se constituirá um profissional cuja educação estética permitirá perceber o seu contexto de forma diferente, possibilitando-o ser um mediador no processo de ensino-aprendizagem que compreende a relação da estética com a formação do sujeito e suas experiências.

4.2 - O momento em que as produções a partir do Projeto Autonomia, transformaram a infância, desenvolvendo experiências estéticas e ações autônomas.

A partir da prática do Projeto autonomia dentro das salas de aula e na realização das oficinas, as professoras puderam vivenciar com seus estudantes, momentos de experiências estéticas que possibilitaram ações autônomas de prática e livre criação. Esta vivência é clara na fala de algumas professoras entrevistadas:

Eu tive momentos com um dos extensionistas do projeto, que ele trouxe alguns materiais e algumas coisas novas que tinham uma estética diferente, que não era uma estética da mídia. Ele trouxe uma música que era feita só com sons de vozes que pareciam os instrumentos, uma nova estética que os alunos não conheciam, e ele puderam manusear alguns materiais e fazer esculturas com uma estética diferente, da cabeça deles, da experiência deles, eles podiam fazer qualquer coisa. (PROFESSORA 1)

O mais claro foi ás oficinas, onde eles construíram seu brinquedo. A construção do brinquedo pra eles foi uma coisa boa. E achei interessante ele dizendo "a o meu ficou mais bonito que o seu; você poderia ter feito isso" eles mesmos são muito críticos com eles. Eu acho que foi construído nesse momento, na hora de fazer os cartazes, na hora de fazer algumas coisas muito pontuais. (PROFESSORA 3)

Nos fragmentos acima podemos perceber, no relato de cada professora, que no momento dos processos criadores, seja dentro da sala de aula ou nas oficinas, os estudantes tiveram a oportunidade de vivenciar experiências diferentes das que estão acostumados. Conforme citado na página 28, uma educação para a autonomia deve estar centrada em contextos formativos que proporcionem aos educandos experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, tornando-os sujeitos autônomos capazes de expressar seus sentimentos através das experiências estéticas. Rios (2003, p. 97 apud MELO DE AMORIM e CASTANHO, 2008, p.) aponta que “a sensibilidade e a criatividade não se restringem ao espaço da arte. Criar é algo interligado a viver, no mundo humano. A estética é, na verdade, uma dimensão da existência, do agir humano”.

Durante a prática do projeto foi possível perceber também na fala dos educandos, o quanto é rico o momento em que o sujeito ganha liberdade para expressar sua opinião diante de uma prática, ou de determinado objeto:

Foi uma coisa interessante, na sala de aula minhas opiniões também eram valorizadas e a professora me deixa expressar o que sinto, e eu gosto disso. (ESTUDANTE 1)

Nas oficinas que participei minha opinião era valorizada, não sei nas outras, mas a que participei foi. Eu me senti feliz por que eles observavam o que a gente queria. (ESTUDANTE 3)

No momento em que o aluno se sente livre pra criar, e percebe que o professor está garantindo a ele um espaço para que possa expressar suas opiniões e criar da forma que ele bem entender. Dentro desta possibilidade, ele pode desenvolver sua autonomia como estudante e como sujeito capaz de questionar e criar.

É, essencialmente, com os pais e os professores que a criança encontra os limites de um controle que lhe permite progredir numa autonomia, que é liberdade de

experiência e de expressão dentro de um sistema de relações e de trocas sociais. (PACHECO, 2012, p.11)

Nos momentos de criação os estudantes devem se sentir à vontade para expor suas opiniões, desta forma, o processo se tornará mais fácil e prazeroso. Nessas relações que são construídas, que a criança encontra o espaço para desenvolver sua autonomia, e assim dando liberdade a suas expressões dentro da relação com o outro e com o meio social. Quando, dentro de uma atividade que possibilite uma experiência estética, a criança tem a oportunidade de organizar suas experiências e se compreender, ela cria um sentido, a partir de seu meio e dos materiais de que dispõe. No projeto essas relações foram construídas, por meio da criação e da experiência estética, vivida no ato da confecção dos brinquedos e na interação com o outro.

Podemos perceber o momento de criação dos educandos a partir da fala da professora a seguir:

Eu lembro muito da oficina de confecção dos fantoches, pra mim, foi a que ficou mais marcada, cada personagem que saía daquele monte de meia e botões, que se as professoras fossem fazer talvez não saíssem coisas tão legais como saíram das crianças, e aí como todas as crianças se misturaram com as outras, quando elas voltaram pra sala e, nesse dia, eu estava substituindo uma professora, foi muito legal as crianças que fizeram os fantoches, mostrando e brincando. A gente fez uma brincadeira, uma contação de história com os fantoches. Essa foi a mais, porque as outras oficinas elas também tinham um "nós vamos fazer tal coisa", o cai-não-cai e o boneco de farinha, tinha um manual. O fantoche era o que mais proporcionava à criança, fazer com aquilo que estava disponível o que ela quisesse. (PROFESSORA 2)

Você põe na frente da criança uma garrafa. Uma garrafa é jogada no lixo, e a partir do momento que você começa a mostrar que a garrafa é mais que isso, aí eles tiveram a experiência de criar o vai-e-vem, um carrinho, um boneco de farinha. Eles criaram e, inclusive, criaram até quando tinha um garoto todo sujo de farinha no rosto, e ali eles estavam criando um personagem de teatro, teatro de mímica com o rosto todo sujo, eu tirei muitas fotos e rodei em todas as oficinas e isso foi muito bom e gostoso. Tudo ali eles estavam criando e transformando então, eles experimentaram criar alguma coisa, a partir de coisas simples que seriam jogadas fora. (PROFESSORA 6)

Nos relatos, podemos perceber que no momento em que os educandos foram apresentados as sucatas que seriam utilizadas na confecção dos brinquedos, eles tiveram que mudar a percepção que tinham a respeito de tais objetos, e buscar formas de utilizá-los para a confecção de brinquedos. Desta forma, tiveram que agir com autonomia e perceber que dentro das possibilidades que eram dadas, era possível criar um brinquedo, o que ratificava um princípio ético importante do Projeto Autonomia que é criar com autonomia e sustentabilidade.

No momento da experiência estética ocorre o envolvimento total do homem com o objeto estético. A consciência não mais apreende segundo as regras da realidade cotidiana, mas abre-se a um relacionamento sem mediação parcial de sistemas conceituais. (DUARTE, 1981, p.84)

Permitindo a criança uma organização de suas experiências, a arte possibilita-lhe conseqüentemente, uma maior autocompreensão. Através de seu trabalho ela pode, de certa forma, ver-se “de fora”, já que existe (em maior ou menor grau) uma identificação sua com aquilo que ela produz. (...) Em geral ela sente prazer em mostrar aquilo que produz. (DUARTE, 1981, p.103)

Através da experiência estética o sujeito vê o mundo de maneira direta, sem conceitos previamente impostos. Desta forma, ele pensa o mundo através das possibilidades que são dadas a ele no momento da criação e transforma suas experiências e sentimentos, em um objeto estético, capaz de representar o que está presente dentro do sujeito. Tornando o objeto algo que a represente, e encorajando-a a mostrar sua criação e a sentir-se autor do seu processo de criação.

Conforme citado na página 33, durante a experiência estética as regras são substituídas por momentos de criação, afastando-nos do mundo real e nos aproximando de uma nova realidade. Segundo Joao Francisco Duarte Jr. (1981, p. 84) “a experiência estética é uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja”. Ela se dá como a percepção global de um universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação. Esta experiência transforma o modo como o sujeito percebe o cotidiano, levando-o a perceber os objetos a partir de suas funções e de suas relações. Foi possível reconhecer uma ação autônoma dos sujeitos, no momento em que foram apresentados as novas experiências, e tiveram a possibilidade de conhecê-las e ter uma percepção própria a partir daquela nova realidade que estavam vivenciando.

A possibilidade de o sujeito agir de modo autônomo pressupõe um desenvolvimento e aquisição de conhecimentos, atividades cooperativas e capacidade de entender o ponto de

vista de outros sujeitos, tais atitudes são adquiridas através da experiência com os outros sujeitos e da relação dos sujeitos com o mundo á sua volta.

Por meio de experiências estéticas refletidas (e não meramente proporcionadas, sem um enfoque reflexivo e uma discussão pertinente e profunda), com arte, os alunos iriam aproximando-se do universo sensível, podendo estabelecer um elo entre si e sua própria subjetividade. À medida que iria se reconhecendo como um sujeito autor de sua própria história, conhecedor de sua maneira de olhar o mundo, tornar-se-ia cômico de sua função e do lugar como partícipe na construção do mundo. (MELO DE AMORIM e CASTANHO, 2008, p. 1182)

Desta forma, as produções a partir do projeto autonomia, deram aos educandos a oportunidade de expressar na prática seus sentimentos e torná-los autor de sua própria história, além de proporcionar uma educação estética revelada nos processos criadores. Transformando-o em um sujeito autor do seu próprio fazer estético, capaz de ser autônomo e dono do seu processo de criação, expressando através do objeto seus sentimentos e sua visão de mundo.

4.3 – Como têm acontecido as experiências estéticas na escola

No modelo escolar atual deparamos com uma educação em que as ciências exatas são mais valorizadas do que as experiências das artes. Dentro deste cenário e no relato dos professores, é possível perceber a carência da utilização das experiências estéticas no ensino de diversos componentes curriculares e também como um meio para despertar o interesse dos educandos. Mas, principalmente, como um fazer que subjetiva, politiza e proporciona uma singularidade no aprender e estar com o outro.

Os professores se baseiam muito no que já está pronto, é muito mais fácil dar um livro, uma atividade pronta que outra professora passou, existem poucos espaços de criação, tanto desse espaço de trazer a arte e provocar essa experiência e também de proporcionar que eles criem, acho que são pouquíssimos espaços pra isso. A Escola Parque que a gente tem na regional do plano piloto, os professores daqui eu já ouvi dizer "a não, mas isso a escola parque faz" quando a gente estava olhando o currículo de artes que tem que ser trabalhado "não, isso é Escola Parque", tá! Mas e quem não tem Escola Parque? E, quem garante que na Escola Parque isso vai acontecer? Você vai se eximir do compromisso, da responsabilidade de proporcionar isso às crianças. Independente de a Escola Parque trabalhar ou não, eu vou trabalhar

dentro daquilo que eu acredito e que eu dou conta também, porque eu acho que enquanto pedagoga nós recebemos muito pouca formação pra trabalhar com arte, e é uma falha que vai virando uma bola de neve, uma coisa puxa a outra. (PROFESSORA 2)

Eu acho que é um espaço pouco explorado na escola pública, que precisaria ser mais bem valorizado, a gente tenta fazer essa parte. Agora com a escola fazendo parte da escola parque, e só o plano piloto tem escola parque, mas o que eu sei é que lá tem aula de música, teatro, esportes, e outras opções. Tem uma escola parque que atende o plano piloto, e a outra escola? E a outras regionais? Eu estou aqui há quatro anos e agora que a escola passou a ser da regional do plano piloto. Os professores têm que se virar e fazer um teatrinho, trabalhar a música. Nós trabalhamos com os compositores, com música, a gente tenta fazer alguns teatros, algumas coisa, mas eu acho que teria que ter um espaço maior pra estética e pra arte na escola. (PROFESSORA 6)

Nos fragmentos acima as professoras citam a Escola Parque, que é um espaço disponibilizado pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (DF) com um modelo escolar de educação integral, que proporcionam aos alunos, no horário oposto ao das aulas regulares, aulas de artes, música, teatro e educação física. Alguns professores se eximem da tarefa de proporcionar aos educando experiências estéticas ligadas às artes e trabalhadas de forma interdisciplinar com diversos outros conteúdos, deixando toda a responsabilidade para as Escolas Parque, porém não são todos os educandos que têm acesso à educação integral.

Ao deixar de lado as alternativas que despertam o interesse dos alunos, os professores não percebem que com recursos estéticos é possível trabalhar diversos conteúdos dentro da sala de aula. Os professores acostumados com atividades prontas deixam de lado a capacidade criadora dos educandos, e não percebem que a escola pode ser um lugar para a experiência estética. As experiências estéticas podem ser uma maneira por meio da qual o professor tem a possibilidade de estimular os alunos a se interessarem por matérias ditas como “chatas”. Duarte Júnior discorre a este respeito, ao dizer que a arte ou as experiências estéticas:

(...) pretende ser uma maneira mais ampla de se abordar o fenômeno educacional considerando-o não apenas como transmissão simbólica de conhecimentos, mas como um processo formativo do humano. Um processo que envolve a criação de um

sentido para a vida e que emerge desde os nossos sentimentos peculiares. (DUARTE 2004, p. 72 apud MELO DE AMORIM e CASTANHO, 2008, p. 1180).

Desta forma as experiências estéticas, possibilitam ao sujeito uma nova forma de ver as coisas cotidianas, por meio de sua própria experiência e dando sentido aos conteúdos estudados e contextualizando-os com seu cotidiano. “Aprender o mundo, ingenuamente, por intermédio da ótica de outrem é o meio contra o qual uma educação que se pretenda estética luta, ao reivindicar que o sensível se faça janela por onde o aluno possa ver-se, aos seus companheiros e ao mundo.” (MELO DE AMORIM e CASTANHO, 2008, p. 1181).

Nos relatos é possível perceber os professores reconhecendo que as experiências estéticas são deixadas de lado no cotidiano escolar. Em seu cotidiano escolar os professores buscam alternativas para suprir essa escassez e levam para dentro da sala de aula atividades com música, compositores, obras de arte, trazendo para os alunos um pouco de educação estética. Porém há um campo muito maior a ser explorado, no qual a educação estética pode ser trabalhada de forma interdisciplinar, mostrando aos educandos outra forma de aprender os conteúdos e para além delas. Criando a possibilidade de um conhecimento que flui através da música, do teatro e de diversas outras linguagens estéticas. Duarte Junior (1981, p. 107) discorre a respeito da arte, como sendo um fator importante na educação:

Não é simplesmente tornando a arte uma disciplina curricular, como tantas outras, que a educação institucional se voltará para o desenvolvimento integral e harmônico dos educandos. Nem é nossa intenção afirmar que sobre a arte repousam todas as soluções para os problemas criados por nossa cindida civilização e sua educação impositiva. Apenas queremos crer que a arte é um fator importante na vida humana, na medida em que permite o acesso a dimensões não reveladas pela lógica e pelo pensamento discursivo. Na medida em que, através dela, se opera a educação dos sentimentos, auxiliando dialeticamente, na educação do pensamento lógico.

No ambiente escolar há uma carência de espaços para experimentação, transformando as dúvidas e incertezas dos estudantes em horizontes, que podem ser usados com perspectiva para a construção do saber e da experiência. Dentro desses espaços de experimentação, Rios (2003, p. 97 apud MELO DE AMORIM e CASTANHO, 2008, p. 1180) aponta que “a sensibilidade e a criatividade não se restringem ao espaço da arte. Criar é algo interligado a viver, no mundo humano. A estética é, na verdade, uma dimensão da existência, do agir humano”.

O ensino atual privilegia o saber teórico, tornando alunos e professores reféns do ensino voltado em livros didáticos, aulas-padrão, conteúdo não renovado. Empenhados em mudar a realidade da educação voltada exclusivamente ao saber teórico, os professores dentro

das alternativas possíveis buscam possibilitar aos educandos a experiência estética, levando para a sala de aula atividades que proporcionam a eles a oportunidade de exercitar sua criticidade e sensibilidade. Conforme percebemos nos relatos das professoras a seguir:

É o que eu estava fazendo com eles agora na sala, eu trouxe imagens de vários artistas, tanto pintura com escultura, depois a gente ia conversar “o que é?” pra ver se eles trazem a questão da arte, da música, das intervenções urbanas, e trabalhar com eles que essas coisas pra serem considerada arte elas tem que causar uma sensação que pode ser boa ou não, pra você pode ser boa pra mim não, depende das experiências que eu tenho na vida (...). (PROFESSORA 2)

(...) Eu trabalhei com uma atividade, com música clássica e eles desenhariam o que eles entenderam da música, algumas crianças, quando eu coloquei a música Tristesse de Chopin, sentiram que a música era triste e colocaram a ideia de tristeza, de que a pessoa não estava bem, estava chateado com alguma coisa e era o tema da música e eles nem sabiam qual era. Quando coloquei as quatro estações: Primavera de Vivaldi, eles sentiram que a música era muito feliz, muito alegre. E o inverno eles acharam a música fria, engraçado que eles sentiram. Isso foi trabalhado desde o começo do ano, e eu falava pra eles "o que você sente com isso?" então eu dava chance da criança sentir aquilo, o que é uma cor quente, cor fria, eu trabalhei isso com eles (...). (PROFESSORA 4)

Temos aqui dois momentos que exemplificam muito bem momentos de experiência estética dentro da sala de aula. Nos relatos as professoras proporcionam aos alunos momentos de experimentar a educação estética, trabalhando com atividades que estimula os educandos a desenvolver um olhar estético e a tomar gosto pela arte e pela música. Nas experiências relatadas, os alunos tiveram oportunidade de ter contato com músicas e obras de arte que não estão presentes no cotidiano delas, e puderam expor sua opinião e sentimento ao entrar em contato com tais obras artísticas.

MELO DE AMORIM e CASTANHO (2008, p. 1181) nos dizem que com tais tipos de atividades, que levam os educandos a explorarem seus sentimentos e experiências, pretende-se que a educação não se fixe no conhecimento transmissivo (se é que se pode assim chamá-lo), repassando informações, encadernando-as e cristalizando-as no entendimento dos alunos. O aluno precisa inventar o conhecimento, produzir suas crenças, fabricar suas convicções. Através de tais experiências, trabalhadas dentro do espaço educacional, podemos possibilitar

que os educandos explorem o mundo pelo olhar estético e, levem isso para outros contextos, dentro e fora da escola.

A experiência estética, neste contexto, traz a possibilidade de conhecimento da realidade, diferente daquela apresentada em aulas voltadas ao saber teórico, tais experiências podem ocorrer de forma complementar, e ganham grande importância na formação social do indivíduo. Ao perceber a importância das experiências estéticas no contexto escolar, os educadores abrem seus horizontes e tornam a sala de aula um lugar para a experimentação do educando. Trabalhando a arte-educação de forma interdisciplinar é possível explorar as dimensões das experiências estéticas em diversos campos, transformando o ensino e a forma como ele é transmitido, dando aos educandos a chance de exercer sua criticidade e expressar sua opinião.

Uma educação estética preocupa-se com a formação humana, não exclui os saberes escolares, nem a necessidade da formalização dos conteúdos, mas os coloca como mais uma lógica para entender o mundo, somados às múltiplas outras possibilidades que podem ser trabalhadas com os educandos. A experiência estética, neste contexto, traz a possibilidade de conhecimento da realidade e transformação do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo formativo é um processo artístico, é por ele que os seres humanos fazem a si e ao mundo como obra de arte. A formação estética que propomos como caminho para a autonomia é formação que engloba a totalidade do ser humano e requer a formação da sensibilidade aliada à formação moral, a fim de que haja conciliação da felicidade com uma vida auto responsável. (ZATTI, 2007, p.76)

Diante da construção teórica e da análise de dados deste trabalho de conclusão de curso, fica claro acerca do problema apresentado nessa pesquisa, o quanto atualmente no cenário educacional encontramos práticas que priorizam o saber teórico e deixam de lado, os sentimentos, questionamentos e as experiências dos estudantes. Dentro do que é possível, os professores buscam alternativas para proporcionar aos alunos, experiências diferenciadas das que estão acostumados.

Na voz de cada educadora, percebemos que, apesar do pouco conhecimento a respeito de uma prática autônoma ou de uma experiência estética, elas reconhecem a importância dos processos criadores na constituição do sujeito como um todo, estimulando sua autonomia. Uma autonomia pautada na busca constante em não utilizar-se de modelos prontos, mas buscando nas experiências das crianças e adolescentes dar suporte para que por meio das experiências estéticas, eles possam fazer várias leituras do mundo que os cercam, resultando na formação de um adulto criativo, autônomo e crítico.

Ao desconhecerem práticas que podem despertar o interesse dos alunos em novos saberes, alguns professores, acostumados com atividades prontas, deixam de lado a capacidade criadora dos educandos e não percebem que a escola pode ser um lugar para a experiência estética. Para ser trabalhada em sala de aula é necessário que a experiência estética seja iniciada pelo próprio professor e que ele se autorize a tal experiência e reconheça sua importância para o processo educativo e moral do sujeito. Possibilitando, assim, uma percepção das dimensões dos recursos que permitem uma experiência estética e de como eles podem ser trabalhados em diversos conteúdos, estimulando os educandos a se interessarem pelas aulas, despertando nos alunos o desejo de questionar e se expressar. As diferentes experiências estéticas podem dar ao sujeito a autonomia de conseguir expressar seus sentimentos, dar asas à sua imaginação, seu desejo de perguntar e investigar aquilo que o agrada, além de proporcionar as condições de superar a heteronímia que predomina no cotidiano escolar.

Pode-se ver na experiência estética uma possibilidade de encarar o processo educativo como um momento de formação integral do educando, capaz de modificar não só suas concepções sobre os conteúdos estudados diariamente, mas sua visão de ser humano e de mundo. Mostrando novas possibilidades de aprender e tornar o processo de aprendizagem mais prazeroso.

Segundo Zatti (2007), uma educação que busca promover a autonomia do educando precisa formar indivíduos responsáveis e questionadores. Uma vida auto responsável é aquela que faz a si como obra de arte de tal forma que possa conciliar ética e estética. A educação estética é a educação para a liberdade, para a autonomia, porque beleza é liberdade.

Desta forma, dentro da prática do Projeto Autonomia foi possível perceber e vivenciar o comprometimento dos professores e educandos com as atividades propostas. Mais que isso, ver o processo de transformação dos sujeitos, tornando-os capazes de serem autores do seu processo de criação, e por meio da experiência estética expressar seus sentimentos, opiniões e saberes adquiridos ao longo de sua história.

REFERÊNCIAS

AGUIAR NEITZEL, Adair e CARVALHO, Carla. **Estética e arte na formação do professor da educação básica**. Revista Lusófona de Educação [On-line] 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34920906009>> ISSN 1645-7250. Acesso em 20 de maio de 2014.

CERVEIRA, RAFAELLA SOUZA. **Projeto Autonomia: Uma história em construção no Distrito Federal**. 2012. 192 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2012.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados; Uberlândia, MG: Universidade de Uberlândia, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á pratica educativa**. 47ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** / tradução: Fúlvia M. L. Moretto. - São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.

KOBLITZ, Rodrigo Vasconcelos e LUZ, Décio. **Projeto Autonomia**, 2010. 21p.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

MELO DE AMORIM, Verussi e CASTANHO, Maria Eugenia. **Por uma educação estética na formação universitária de docentes**. Educação & Sociedade [On-line] 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313701011>> ISSN 0101-7330. Acesso em 28 de maio de 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 14. ed. Editora Vozes; Petrópolis, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 26. ed. Editora Vozes; Petrópolis, 2007.

MITROVITCH, Caroline. **Experiência e formação em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PACHECO, José. **Dicionário de valores**. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2012.

PETRONI, Ana Paula e SOUSA, Vera Lúcia Trevisan dos (2010). **As relações na escola e a construção da autonomia: um estudo da perspectiva da Psicologia**. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 355-364.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos. **A concepção Kantiana da experiência estética: novidades, tensões e equilíbrios**. *Trans/Form/Ação*, (Marília); v.33, n.2, p.35-76, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VILLELA PEREIRA, Marcos. **Contribuições para entender a experiência estética**. *Revista Lusófona de Educação* [On-line] 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34923271008>> ISSN 1645-7250. Acesso em 20 de maio de 2014.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

APÊNDICE



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação

Pesquisadora: Juliana Carvalho Girotto Borges

Matricula: 10/0108440

Termo de consentimento livre e esclarecido

Convidamos a turma a participar da pesquisa sobre a inserção do projeto Autonomia em seu contexto escolar. Essa pesquisa tem como objetivo investigar a constituição do processo de autonomia a partir da experiência estética. Para tanto, conta com a necessidade de obter informações a respeito do tema abordado através de uma entrevista com professores, coordenadores e educandos.

A sua participação na pesquisa não é obrigatória. Caso concorde em participar, você pode desistir e retirar o seu consentimento a qualquer momento. Sua participação não trará nenhum prejuízo na sua relação com a pesquisadora nem com a instituição na qual serão realizadas as atividades.

Todas as informações obtidas através dessa pesquisa serão asseguradas pelo sigilo. Os dados não serão divulgados com a identificação, pois não haverá colocação de nomes reais. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisadora: Juliana Carvalho Girotto Borges

Ass. _____

Contato: (61) 9831-5943 ou julianacgirotto@gmail.com

Orientadora: Profª Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Ass. _____

Contato: (61) 9147-1252 ou vidalrodrigues@yahoo.com.br

Declaro que entendi os objetivos e como será a minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome do participante: _____

Ass. _____

Contato: _____



Universidade de Brasília

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NOME: _____

IDADE: _____ **SEXO:** () FEMININO () MASCULINO

FORMAÇÃO ACADÊMICA: () MAGISTÉRIO (Ensino Médio)

() GRADUAÇÃO EM:

() ESPECIALIZAÇÃO EM:

() MESTRADO EM:

() DOUTORADO EM:

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: () REDE PRIVADA

() REDE PÚBLICA

() SALA DE AULA REGULAR

() SALA DE RECURSOS

() OUTRO:

Professores e Coordenadores:

- 1) O que você entende como autonomia?
- 2) O que você entende como experiências estéticas?
- 3) Existem experiências estéticas na escola? Você acredita que elas dão espaço para a criança e o adolescente desenvolver sua autonomia?
- 4) A estética quando ligada a educação, apresenta-se nos processos criadores. No desenvolvimento do Projeto Autonomia, em quais momentos você percebeu que as crianças passaram por processos criadores? Em sua opinião, nesses momentos elas desenvolveram uma experiência estética?
- 5) De que forma os processos de criação influenciam na constituição dos sujeitos como um todo, estimulando sua autonomia?



Universidade de Brasília

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NOME: _____

IDADE: _____

SEXO: () FEMININO () MASCULINO

TURMA: _____

Crianças:

- 1) Através da entrada das várias professoras na escola no ano passado do Projeto Autonomia, durante as oficinas e atividades desenvolvidas pelo projeto, você se sentiu livre pra criar?
- 2) Nesse momento em que você se sentiu livre para criar você percebeu que suas opiniões eram valorizadas?
- 3) Durante as oficinas, de construir e de brincar, como você se sentiu em relação aos colegas e professores?
- 4) O que você gostou mais nas oficinas?

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS - EDUCADORES

Professora 1 -

1) O que você entende como autonomia?

Bom, autonomia é você ter a possibilidade de fazer escolha. As crianças, a partir do momento que elas podem escolher algumas coisas que elas gostariam de conhecer e de fazer, eu acho que já é e faz parte da autonomia. Depois na vida como adultos, saberão escolher aquilo que vai trazer ganho e felicidade para vida deles.

2) O que você entende como experiências estéticas?

Todo ambiente tem uma experiência estética. Ano passado com minhas crianças eu tentei levá-las várias vezes no CCBB para elas terem contato com as obras de arte e desenvolverem uma estética. A estética é muito ligada à beleza e ao sentimento.

3) Existem experiências estéticas na escola? Você acredita que elas dão espaço para a criança e o adolescente desenvolver sua autonomia?

Eu acho que sim. Em sala de aula eu faço muitas dramatizações e eles se expressam uma expressão corporal também e ligada à estética. Nos desenhos deles, nas pinturas na confecção de brinquedos com sucatas.

4) A estética quando ligada à educação, apresenta-se nos processos criadores. No desenvolvimento do Projeto Autonomia, em quais momentos você percebeu que as crianças passaram por processos criadores? Em sua opinião, nesses momentos elas desenvolveram uma experiência estética?

Sim, eu tive momentos com o extensionista, que ele trouxe alguns materiais e algumas coisas novas que tinham uma estética diferente, que não era uma estética da mídia. Ele trouxe uma música que era feita só com sons de vozes que pareciam os instrumentos, uma nova estética que os alunos não conheciam. Eles puderam manusear alguns materiais e fazer esculturas com uma estética diferente, da cabeça deles da experiência deles, eles podiam fazer qualquer coisa.

5) De que forma os processos de criação influenciam na constituição dos sujeitos como um todo, estimulando sua autonomia?

Acho que é fundamental, você dar possibilidades para as crianças escolherem, fazer criar. Não dar modelos para elas seguirem, da experiência de cada uma elas refazerem e ler o mundo de várias formas. Isso é responsável pela formação de um adulto criativo, autônomo e crítico. É muito importante.

Professora 2 -

1) O que você entende como autonomia?

Autonomia eu acho que é a pessoa poder ser autora do seu processo, se baseando único e simplesmente, único e simplesmente não, mas primeiramente em sua vontade "aquilo que eu tenho vontade de fazer" depois ele sendo autônomo vai perceber se aquilo é possível ou não, e o que precisa para fazer aquilo, ou não.

2) O que você entende como experiências estéticas?

É um conceito muito complicado e muito pouco trabalhado. É o que eu estava fazendo com eles agora na sala. Eu trouxe imagens de vários artistas, tanto pintura como escultura, depois a gente ia conversar “o que é mais a arte?”, para ver se eles trazem a questão da arte, da música, das intervenções urbanas. Trabalhar com eles que essas coisas para serem considerada arte, elas tem que causar uma sensação que pode ser boa, ou não, “para você pode ser boa para mim não”, depende das experiências que eu tenho na vida. Eu penso que a experiência estética, é quando você pode e tem oportunidade de ter uma sensação a partir de uma obra seja ela qual for.

3) Existem experiências estéticas na escola? Você acredita que elas dão espaço para a criança e o adolescente desenvolver sua autonomia?

Acho que tem muito pouco, não estou dizendo da minha experiência como professora na minha sala, mas da minha experiência que já vi. Os professores se baseiam muito no que já está pronto, é muito mais fácil dar um livro, uma atividade pronta que outra professora passou. Existem poucos espaços de criação, tanto desse espaço de trazer a arte e provocar essa experiencial e, também de proporcionar que eles criem, são pouquíssimos espaços para isso.

A escola Parque que a gente tem na regional do plano piloto. Os professores daqui eu já ouvi dizer “a não, mas isso a Escola Parque faz” quando a gente estava olhando o currículo de artes que tem que ser trabalhado, “não isso é Escola Parque”. Mas e quem não tem escola parque, quem garante que na escola parque isso vai acontecer. Você vai se eximir do compromisso da responsabilidade de proporcionar isso para as crianças. Independente da Escola Parque trabalhar ou não, eu vou trabalhar dentro daquilo que eu acredito e que dou conta também. Eu acho que enquanto pedagoga nós recebemos muito pouca formação para trabalhar com arte, e é uma falha que vai virando uma bola de neve, uma coisa puxa á outra.

Sinceramente, do que já vi acontecendo, não é muito direcionado. “você vai fazer isso?”, “você vai fazer aquilo?” no máximo a criança escolhe se ela quer pintar, ou se ela quer representar. Agora o que nunca vi nessa escola, é uma criança autora do seu próprio processo, capaz de dizer “eu que pensei”, “eu que fiz esta aqui” ou “nos que fizemos”, o que vemos sempre tem um norte, um norteador, um controle.

4) A estética quando ligada a educação, apresenta-se nos processos criadores. No desenvolvimento do Projeto Autonomia, em quais momentos você percebeu que as crianças passaram por processos criadores? Em sua opinião, nesses momentos elas desenvolveram uma experiência estética?

Com certeza, eu lembro muito da oficina de confecção dos fantoches, para mim foi a que ficou mais marcada. Cada personagem que saia daquele monte de meias e botões. Se as professoras fossem fazer, talvez, não saísse coisas tão legais como saíram das crianças. Como todas as crianças se misturaram com as outras, quando elas voltaram para sala, e nesse dia eu estava substituindo uma professora, foi muito legal. As crianças que fizeram os fantoches, mostrando e brincando. Fizemos uma brincadeira, uma contação de historia com os fantoches. Essa foi a mais, porque as outras oficinas elas também tinham um “nós vamos fazer tal coisa”, o cai-não-cai, o boneco de farinha, eles tinham um manual. O fantoche era o que mais proporcionava a criança, fazer com aquilo que está disponível, o que ela quisesse.

5) De que forma os processos de criação influenciam na constituição dos sujeitos como um todo, estimulando sua autonomia?

Isso é essencial, porque quando a criança se vê em uma situação de conflito, se ela se sente preparada, ela não vai se sentir porque magicamente ela vai se sentir preparada mas, porque

ela passou por experiências e, com essas experiências ela se sente preparada a resolver esse conflito. Quando a criança consegue fazer isso na escola e exercitar isso na escola, possivelmente ela vai conseguir fazer isso fora da escola. Agora tudo que acontece na escola à criança grita “tia”, não resolve nada, não consegue resolver um conflito com ela mesma, ou então “tia, não sei quem, fez não sei o que”, “foi você que fez querido? não foi você? se ela precisar da minha ajuda, ela vai pedir minha ajuda”. As professoras falam "fala com a professora" sempre remetendo a alguém nunca deixando a criança resolver aquela situação, seja um conflito, seja uma coisa que quer fazer, sempre depende do aval do adulto.

Professora 3 -

1) O que você entende como autonomia?

Autonomia, eu ainda não consigo compreender muito bem, porque eu acho que as pessoas ainda não tem noção do que é autonomia. Eu chego falo "olha vocês vão decidir", nos determinamos com eles que a entrada ia ser diferente, como vai ser a entrada: vocês vão entrar e colocar as mochilas na sala, ou na porta e vocês vão procurar os colegas para conversar. Não deu certo. Então vamos fazer diferente: a gente vai combinar como vai ser a entrada para tirar esse negócio de menino e menina, não deu certo. Porque eles não têm direcionamento, eles não sabem que eles podem tomar uma decisão, estabelecer aquilo com o grupo e ter autonomia de falar "olha, isso não está legal, vamos fazer dessa forma?" eles ainda não têm isso, e os professores também não tem isso, então, muitos acham que a autonomia do aluno é bagunça. Enquanto o professor não tirar essa máscara dele, de autoridade, vai ser difícil à criança ter autonomia.

2) O que você entende como experiências estéticas?

Boa pergunta. Quando você começou a falar do trabalho, eu pensei, "caramba". Experiência estética, eu penso muito na arte, a questão da estética de um desenho, de uma produção. A arte é o visual, como aquilo vai parecer bonito ou vai ser agradável, isso que eu penso mais como estética.

3) Existem experiências estéticas na escola? Você acredita que elas dão espaço para a criança e o adolescente desenvolver sua autonomia?

A gente pensa muito no estético, quando meche com desenho. Que às vezes, como não me agradou eu vou até descartar, aí talvez entre autonomia. Vou fazer o desenho com toda a turma, mas se não me agradou e não foi bem o que eu queria eu vou descartar aquele, porque dentro do meu ponto de vista não está agradável. Então, acho que essa questão estética tem muito a ver com a postura e a visão da pessoa que está recolhendo e direcionando aquele trabalho. Então a autonomia ai é relativa, acho que é conforme o pensamento de quem vai conduzir o trabalho.

Essa constituição da autonomia me preocupa, eu acho que constrói, mas depende de como vai ser direcionado. Por exemplo, eu vou fazer um teatro: dependendo da minha postura eu não estou dando autonomia a ninguém, pelo contrario eu estou fechando. Dependendo da minha postura eu estou dando total autonomia, onde o aluno pode escolher o cenário, ele vai escolher como e quem vai ser o personagem, como vai ser o figurino, aí eu dei autonomia. Mas no momento que eu não sei o que e autonomia, ai é complicado.

4) A estética quando ligada à educação, apresenta-se nos processos criadores. No desenvolvimento do Projeto Autonomia, em quais momentos você percebeu que as crianças passaram por processos criadores? Em sua opinião, nesses momentos elas desenvolveram uma experiência estética?

O mais claro foi às oficinas, onde eles construíram seu brinquedo. A construção do brinquedo para eles foi uma coisa boa. E achei interessante ele dizendo "o meu ficou mais bonito que o seu e, você poderia ter feito isso" eles mesmos são muito críticos com eles. Eu acho que foi construído nesse momento, na hora fazer o cartaz, na hora de fazer algumas coisas muito pontuais.

5) De que forma os processos de criação influenciam na constituição dos sujeitos como um todo, estimulando sua autonomia?

Na hora que eu consigo no desenho colocar a ideia que eu quero e não "desenhe uma flor vermelha no papel" e sim "desenhe o que você quiser, escreva o que você quiser" eu estou dando autonomia. A gente montou um mural interativo da copa, era o que eles queriam "mas eu posso colocar o que eu quero? Pode!". A autonomia vai depender da condução que você der para o seu trabalho, mas acredito que nas oficinas foi um momento bem criativo.

Professora 4 -

1) O que você entende como autonomia?

É quando a criança tem a possibilidade de escolher o que ela vai fazer, dentro é claro do limite, é claro que você tem necessidade de passar um norte, mas dali a criança pode criar.

2) O que você entende como experiências estéticas?

Quando você fala estética a gente lembra sempre de alguma coisa que tem haver com aparência, físico, do palpável. A arte seria estética, seria também composição de atividades, a música. Eu nem tinha pensado nisso, só tinha pensado estética a parte físico, algo artístico, organização da sala, organização do espaço onde você se encontra a aparência da pessoa, até como ela se sente. O estético envolve muita coisa é complicado você separar.

3) Existem experiências estéticas na escola? Você acredita que elas dão espaço para a criança e o adolescente desenvolver sua autonomia?

Experiências estéticas, como arte e música, sim. A gente trabalha os compositores e todo mundo tem aquele espaço de ouvir a música do compositor, de trabalhar sobre a música. O professor tem momento que ele fala "o que você entendeu dessa música?". Eu trabalhei com uma atividade com música clássica e eles desenhariam o que eles entenderam da música. Você ver que algumas crianças, quando eu coloquei a música Tristesse de Chopin, sentiram que a música era triste e que a pessoa não estava bem, esse era o tema da música e eles nem sabiam qual era. Quando coloquei as quatro estações, Primavera de Vivaldi, eles sentiram que a música era muito feliz, muito alegre. E o Inverno eles acharam a música fria. Engraçado que eles sentiram e isso foi trabalhado desde o começo do ano, eu falava para eles "o que você sente com isso?". Então, eu dava chance da criança sentir aquilo. Ai eles começaram a associar as músicas.

4) A estética quando ligada a educação, apresenta-se nos processos criadores. No desenvolvimento do Projeto Autonomia, em quais momentos você percebeu que as crianças passaram por processos criadores? Em sua opinião, nesses momentos elas desenvolveram uma experiência estética?

Nós tivemos dois grupos de extensionistas, o primeiro grupo trabalhava atividades normais com a gente dentro da sala de aula, nós tínhamos um projeto na turma que chamava "família" eles podiam criar, eles criaram as próprias famílias. Tiveram uma orientação de quem seria e como que era composta a família. Eles pegaram a profissão e descobriam como era, planejava como seriam a casa deles, como seria o comércio. Eles tiveram a oportunidade de criar a partir do que eles receberam e das informações. Isso era livre e gerou bastante coisa interessante. Viram que para melhorara de vida eles precisavam estudar e adquirir conhecimento, para que pudessem se aprimorar naquilo que queriam fazer. Todos eles queriam mudar de vida, todos sentiram essa necessidade. Era uma turma que caprichava bastante. Eu dava ideias, "vamos fazer tal coisa?" e eles criavam. Trabalhamos artistas famosos, eles pintaram, fizeram releituras ou criaram os desenhos. É possível vê que as crianças podiam escolher o quadro que quisesse, foi muita coisa que eles gostaram.

O outro grupo foi bem interessante, porque eles já conheciam algumas músicas. E despertou neles o desejo de cantar, todos queriam cantar. Nós separamos por grupos e por tons de voz. Tinha um grupo que era minha voz, que é mais grave. Outro grupo mediano e o grupo da voz mais aguda. Eles ficaram enlouquecidos, queriam muito apresentar. Eles gostavam muito porque eles já tinham feito música, e já tínhamos dançado hip-hop na nossa apresentação. Então, eles gostavam demais, e o grupo dos extensionistas incentivou para que eles participassem do show de talentos. Eles foram criando coreografias, músicas, parodias. Isso foi muito interessante e muito bom para turma.

5) De que forma os processos de criação influenciam na constituição dos sujeitos como um todo, estimulando sua autonomia?

É a partir da liberdade, você dá incentivo para que ele crie. Quando eu digo para eles "você pode fazer", não é aquele negócio do elogio vazio. Cada um tem seu limite e eu respeito o limite que a criança tem. Dizia a eles "que tal a gente fazer atividade assim?" "vamos fazer um texto, um desenho, sobre alguma coisa que a gente visitou", com isso eles iam fazendo e criando. Falavam, "ficou muito bom, porque você não junta isso com isso?" e chegou uma hora que eles "tá, vamos fazer assim?" eles já davam ideia, estavam criando confiança neles e adquirindo confiança de dar opinião. Esse ano a maioria dos meus alunos são representantes de turma onde eles estão. Isso mostra que eu dei confiança a eles de que eles eram capazes, é só querer.

Professora 5 –

1) O que você entende como autonomia?

Autonomia é uma construção. A autonomia não tira a dependência, não tira o coletivo, o ajudar o outro. Autonomia tem que ser trabalhado em colaboração. Eu não vou dizer que autonomia é ser independente, não é. Independente todos nós somos, mesmo sendo autônomos. Por exemplo, se eu dou uma determinada atividade para um aluno, se ele teve dificuldade ele deve buscar a solução em livros ou com os colegas, ele deve saber se virar e resolver seus problemas e não depender totalmente da professora. Viver os seus momentos de dificuldade, e saber buscar ajuda e solução.

2) O que você entende como experiências estéticas?

Estética é a preocupação com aparência do trabalho que o aluno faz, seja a letra, a organização do caderno, uma pintura, um desenho, a construção de um trabalho. É quando, por exemplo, a criança está preocupada e chega pra você e fala "professor, se eu fizer desse jeito fica bonito" quando ele pergunta se está bonita, ela está preocupando com a estética do que ela está fazendo, então aquela criança que em qualquer trabalho tem a preocupação em: recortar direito, colar, de ver se enquadra dentro do espaço, isso eu vejo como experiência estética.

3) Existem experiências estéticas na escola? Você acredita que elas dão espaço para a criança e o adolescente desenvolver sua autonomia?

Sim, quando você está trabalhando na parte de arte e construção de alguma coisa, uma maquete, até na construção de um cartão para apresentar a alguém, nos trabalhos de arte de maneira geral, montagem e construção de um mural. No dia a dia de um caderno que você está trabalhando eu vejo isso como experiência. Eu acredito que isso ajuda na autonomia.

4) A estética quando ligada a educação, apresenta-se nos processos criadores. No desenvolvimento do Projeto Autonomia, em quais momentos você percebeu que as crianças passaram por processos criadores? Em sua opinião, nesses momentos elas desenvolveram uma experiência estética?

Dependendo do que estava fazendo a preocupação era mais no criar e não na estética, mas quando elas construíram brinquedos eles tinham a preocupação estética. Não necessariamente,

isso influência na autonomia. Eu estou tentando fazer a relação da estética com a autonomia, porque não necessariamente você precisa se preocupar com a estética na hora, dependendo do que você está fazendo ou trabalhando autonomia. No momento da estética pode ser desenvolvida a autonomia, mas eu não sei como. No momento que ele decide como ele vai fazer tal coisa e toma a decisão de trocar a cor, o tamanho, nisso ele está trabalhando a autonomia e preocupado com a estética. Eu me lembro de que eles estavam fazendo o carrinho e perceberam que se colocasse o papelão muito grande o carrinho não andava. Então, quando ele descobriu que se diminuísse o papel o carrinho andaria, eles trabalham a estética e a autonomia naquele momento.

5) De que forma os processos de criação influenciam na constituição dos sujeitos como um todo, estimulando sua autonomia?

A pessoa aprende a se virar, no processo de criação, é o criar. A partir do momento que eu tenho que quebrar minha cabeça para criara alguma coisa e desenvolver, “você tem todo esse material e eu quero que você faça uma casa para mim” então ele vai ter que criar e pensar, e vai acabar desenvolvendo autonomia, para poder conseguir resolver aquela situação. Todo processo criativo e com autonomia.

Professora 6 -

1) O que você entende como autonomia?

Autonomia é trabalhar na criança ou no adulto para que ele seja um cidadão capaz de influenciar, de crescer e ter posição, mas sendo flexível no que der. Não abrir mão do que é a essência dele, porque às vezes eu percebo que a pessoa que não tem autonomia, ela abre mão do que é essencial para ela e se violenta, então, eu vejo que poucos alunos têm isso, mas os que têm devem ser trabalhados nas futuras gerações. O que eu sonho para um país? Eu sonho um Brasil que tenha o maior número de cidadãos, infelizmente nós temos pouco hoje, mas se a gente deve começar pela criança, respeitando-a e ouvindo-a. Então autonomia é você desenvolver o perfil da criança para que ela possa ser ela mesma e que ela possa querer ser respeitada, mas aprender a respeitar.

É bem abrangente a questão da autonomia, e tirar a criança de ser "vaquinha de presépio". Eu não quero ter alunos "vaquinha de presépio", eu quero ter aluno que crítica, questiona. Em

outros contextos que eu lido, por exemplo, como pastora eu já tive dificuldade com outros colegas teólogos que diziam "você motiva o povo a questionar demais", mas é bom o povo questionar. Então, em qualquer meio que você estiver é um ambiente para você questionar e todas minhas formações levam a discutir a raciocinar, a falar. Nós temos que trabalhar nas pessoas para elas se colocarem. Nas reuniões nós temos 10 pessoas e só 3 falam, se tem alguma coisa errada você trás, como nós vamos trabalhar isso nas crianças. Ano passado uma professora pegou alunos meus, "seu alunos são muito difíceis eles questionam demais" e eu disse a ela "gostei de saber disso". Isso traz autonomia, vai formar um cidadão melhor. É um trabalho lindo e desgastante, tem dia que da vontade de desistir, mas vale a pena. Quando você vê um aluno me questionar sobre uma questão aqui da escola e, com os argumentos me calar, isso para mim foi um prêmio. Isso é uma recompensa para mim, é perder para ganhar, você abre mão de uma coisa que uma criança de nove anos te convenceu que você estava errado no seu argumento.

2) O que você entende como experiências estéticas?

Eu acho que é um espaço pouco explorado na escola pública, que precisaria ser mais bem valorizado, a gente tenta fazer essa parte. Agora com a escola fazendo parte da escola parque, e só o plano piloto tem escola parque, mas o que eu sei e que lá tem aula de música, teatro, esportes, e outras opções. Tem uma escola parque que atendo o plano piloto, e a outra escola? E a outras regionais? Eu estou aqui há quatro anos e agora que a escola passou a ser da regional do plano piloto. Os professores tem que se virar e fazer um teatrinho, trabalhar a música. Nós trabalhamos com os compositores, com música, a gente tenta fazer alguns teatros, algumas coisa, mas eu acho que teria que ter um espaço maior pra estética e pra arte na escola.

3) Existem experiências estéticas na escola? Você acredita que elas dão espaço para a criança e o adolescente desenvolver sua autonomia?

Existe mas é pouco, deveria ser dado mais. Eu tive uma experiência com um aluno que o pai veio me dizer que ele era extremamente tímido. Quando eu ia conversar com ele, ele começava a chorar "meu amor porque você está chorando, eu estou fazendo uma pergunta" "Porque você não fez o dever? Eu não estou te batendo eu só estou querendo entender porque você não fez. Você não deu conta de fazer? eu te ajudo. Você esqueceu? Anotou na agenda? tem que olhar a agenda, que tal esquecer de esquecer?", ele começou a rir quando brinquei

com ele. Fiz essa abordagem e comecei a conquistar e cativar esse aluno, estar mais próxima dele. Ele conseguiu fazer uma atividade primeiro que todo mundo, aí eu falei "agora o professor Felipe vai explicar no quadro" eu não pedi, mas ele se vestiu de professor na cabeça dele, colocou o óculos na ponta do nariz para ficar mais velho (porque os outros são da mesma idade) e fez uma encenação de teatro explicando a atividade. Mudou a voz, o óculos, suspendeu a calça, comecei a observar como isso é natural na criança, basta você dar um espaço. Ele explicou a questão todinha. Um dos colegas interrompeu e ele "não interrompe o professor, levanta o dedo e espera sua vez", isso está na criança e precisa ser mais bem trabalhado. E isso desenvolve a autonomia, esse aluno quando foi para frente do quadro e fez isso, quando ele chegar à faculdade e tiver que apresentar um trabalho. Eu tive colegas na faculdade de direito que no dia que tem que apresentar na frente à pessoa tenho que correr no banheiro toda hora, porque não desenvolveu isso antes. Eu gosto muito de testar as lideranças na minha sala.

4) A estética quando ligada a educação, apresenta-se nos processos criadores. No desenvolvimento do Projeto Autonomia, em quais momentos você percebeu que as crianças passaram por processos criadores? Em sua opinião, nesses momentos elas desenvolveram uma experiência estética?

Cem por cento. Você põe na frente da criança uma garrafa. Uma garrafa é jogada no lixo, e a partir do momento que você começa a mostrar que a garrafa é mais que isso, aí eles tiveram a experiência de criar o vai-e-vem, um carrinho, um boneco de farinha. Eles criaram e, inclusive, criaram até quando tinha um garoto todo sujo de farinha no rosto, e ali eles estavam criando um personagem de teatro, teatro de mímica com o rosto todo sujo, eu tirei muitas fotos e rodei em todas as oficinas e isso foi muito bom e gostoso. Tudo ali eles estavam criando e transformando então, eles experimentaram criar alguma coisa, a partir de coisas simples que seriam jogadas fora.

5) De que forma os processos de criação influenciam na constituição dos sujeitos como um todo, estimulando sua autonomia?

Desde o momento que ele olha o material e pensa "o que eu vou fazer com isso?". Geralmente criança fala "eu não dou conta", a partir do momento que você propiciou, ele está se convencendo que ele pode, porque primeiro eles tem que acreditar. Então nós temos que colocar nas crianças àquela sementinha de que ele pode e é capaz e, se ele não é capaz de

fazer ali e agora, junto com outro ele pode desenvolver essa criação. Então, eu acho muito interessante nesse projeto, o trabalho conjunto onde uma criança ajuda a outra e o professor funciona como um facilitador, despertador e motivador. Eu me vejo mais como uma motivadora e despertadora, do que aquela professora que diz "faz assim, agora faz assado". Você ficou no vai e vem, e fala "corta a o meio", mas cada um tem que ter sua diferença de cortar ao meio a garrafa. Eu observei um aluno que estava com dificuldade e a tesoura não funcionava bem, quando eu pensei em ajudar o colega do lado falou "deixa eu te ajudar", tudo isso á a construção coletiva, achei que foi muito bom.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS - ESTUDANTES

Estudante 1 -

- 1) Através da entrada das várias professoras na escola no ano passado do Projeto Autonomia, durante as oficinas e atividades desenvolvidas pelo projeto, você se sentiu livre pra criar?**

Sim, foi muito legal. Porque foi uma atividade diferente.

- 2) Nesse momento em que você se sentiu livre para criar você percebeu que suas opiniões eram valorizadas?**

Foi uma coisa interessante, na sala de aula minhas opiniões também são valorizadas e a professora me deixa expressar o que sinto, e eu gosto disso.

- 3) Durante as oficinas, de construir e de brincar, como você se sentiu em relação aos colegas e professores?**

Eu pensei que eles estavam gostando também, mas teve um garoto que chorou e eu não sei por quê. Foi legal fazer novas amizades.

- 4) O que você gostou mais nas oficinas?**

Eu gostei mais das atividades em grupo, porque estamos junto com outros colegas e com amigos. Me senti livre pra fazer o que queria. Quando pedia pra ir ao banheiro eu podia ir e quando queria beber água também.

Estudante 2 -

- 1) Através da entrada das várias professoras na escola no ano passado do Projeto Autonomia, durante as oficinas e atividades desenvolvidas pelo projeto, você se sentiu livre pra criar?**

Sim, foi legal. Porque os extensionistas trataram a gente bem.

- 2) Nesse momento em que você se sentiu livre para criar você percebeu que suas opiniões eram valorizadas?**

Sim, foi bom. É diferente do que estamos acostumados.

- 3) Durante as oficinas, de construir e de brincar, como você se sentiu em relação aos colegas e professores?**

Bom, porque fizemos tudo junto e é bom trabalhar com os amigos.

- 4) O que você gostou mais nas oficinas?**

Eu mais gostei da oficina do balão, porque foi uma oficina de construir e eu estava com meus amigos.

Estudante 3 –

- 1) Através da entrada das várias professoras na escola no ano passado do Projeto Autonomia, durante as oficinas e atividades desenvolvidas pelo projeto, você se sentiu livre pra criar?**

Sim, por que vocês passavam várias coisas e a gente acabava aprendendo muito.

- 2) Nesse momento em que você se sentiu livre para criar você percebeu que suas opiniões eram valorizadas?**

Sim, nas oficinas que participei minha opinião era valorizada, não sei nas outras, mas a que participei foi. Eu me senti feliz, porque eles observavam o que a gente queria.

3) Durante as oficinas, de construir e de brincar, como você se sentiu em relação aos colegas e professores?

Os colegas também estavam participando junto comigo todos alegres e os professores estavam também olhando. Parece que na minha sala, minha professora antiga gostou. Foi bom, porque acabei conhecendo mais pessoas que eu não conhecia.

4) O que você gostou mais nas oficinas?

Eu gostei de procurar as coisas no caça ao tesouro, porque a gente observava as dicas e procurava. Muitas vezes a gente não sai muito da sala e aprende, e dessa vez a gente saiu e aprendeu muito.